

Letícia Mara Pereira de Sousa

FUMO POR LAZER, SIM!:

significados e representações do uso recreativo de maconha para mulheres

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/UFMG

2020

Letícia Mara Pereira de Sousa

FUMO POR LAZER, SIM!:

significados e representações do uso recreativo de maconha para mulheres

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Estudos do Lazer.

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Miryam Drumond de Brito

Coorientador: Prof. Dr. Alessandro Rodrigo Pedroso Tomasi

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/UFMG

2020

S725f 2020	<p>Sousa, Leticia Mara Pereira de Fumo por lazer, sim!: significados e representações do uso recreativo de maconha para mulheres. [manuscrito] / Leticia Mara Pereira de Sousa – 2020. 86 f., enc.: il.</p> <p>Orientadora: Cristiane Miryam Drumond de Brito Coorientador: Alessandro Rodrigo Pedroso Tomasi</p> <p>Mestrado (dissertação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.</p> <p>Bibliografia: f. 74-79</p> <p>1. Lazer – Teses. 2. Recreação – Teses. 3. Mulheres – Teses. 4. Drogas – Teses. I. Brito, Cristiane Miryam Drumond de. II. Tomasi, Alessandro Rodrigo Pedroso. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. IV. Título.</p> <p>CDU: 379.8</p>
---------------	--

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Danilo Francisco de Souza Lage, CRB 6: nº 3132, da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.



Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer
Email: ppgiel@eeffto.ufmg.br Telefone: (31) 3409-2335

EEFFTO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
FÍSICA, FISIOTERAPIA
E TERAPIA OCUPACIONAL

UFMG

ATA DA 154ª DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

LETÍCIA MARA PEREIRA DE SOUSA

Às 14h00min do dia 16 de abril de 2020 reuniu-se de forma virtual (via videoconferência pela plataforma “GoToMeeting”) a Comissão Examinadora de Dissertação, indicada pelo Colegiado do Programa para julgar, em exame final, o trabalho “*Fumo por lazer, sim!: significados e representações do uso recreativo de maconha para mulheres*”, requisito final para a obtenção do Grau de Mestre em Estudos do Lazer. Abrindo a sessão, a Presidenta da Comissão, Profª. Dra. Cristiane Miryam Drumond de Brito, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para a candidata, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Membros da Banca Examinadora	Aprovada	Reprovada
Profª. Dra. Cristiane Miryam Drumond de Brito (Orientadora)	X	
Prof. Dr. Alessandro Rodrigo Pedroso Tomasi (Co-orientador)	X	
Profª. Dra. Claudia Franco Monteiro (UFTM)	X	
Profª. Dra. Regina Celi Fonseca Ribeiro (UFMG)	X	

Após as indicações a candidata foi considerada: **Aprovada**

O **resultado final** foi comunicado publicamente, para a candidata pela Presidenta da Comissão. Nada mais havendo a tratar a Presidenta encerrou a reunião e lavrou a presente **ATA** que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 16 de abril de 2020.

Profª. Dra. Cristiane Miryam Drumond de Brito

Prof. Dr. Alessandro Rodrigo Pedroso Tomasi

Profª. Dra. Claudia Franco Monteiro

Profª. Dra. Regina Celi Fonseca Ribeiro

AGRADECIMENTOS

A quem me inspirou a construir esses conhecimentos, mulheres primeiras em minha vida: mamis e minhas avós, que sei que não tiveram as mesmas oportunidades, escolhas e privilégios que eu. Obrigada pela inspiração, pelos ensinamentos, pelos exemplos, pela energia, persistência e pela força de viver. Raízes que me alimentam.

À mais nova mulher da minha vida: minha pequena Alana, que está sendo gestada junto com este trabalho. Um amor inexplicável, um desafio, uma enorme razão para eu buscar ainda mais a construção de um mundo harmônico e melhor para as mulheres. Que ela seja forte para continuarmos essa luta juntas. Que ela seja esperança e afeto.

À minha orientadora, Cristiane. Mulher acolhedora, que me ensinou a sair do modo cartesiano de ser, que acredita nas pessoas e enxerga o que cada um tem de valor e de sabedoria. Grata por sua disponibilidade, seu afeto, seu conhecimento e sua compreensão.

Meu coorientador e amigo, Alessandro. Desde o início o incentivo e a disponibilidade para eu desenvolver este trabalho. A organização e o conhecimento que tanto contribuíram. A compreensão pelo meu ‘momento gestante’ e o auxílio para eu conseguir terminar o trabalho no tempo desejado. Obrigada por estar ao meu lado.

À Cláudia, amiga que este mestrado me deu. Agradeço o apoio, a disponibilidade e o acolhimento. Dividimos angústias, dúvidas e alegrias.

Ao meu pai que me proporcionou as possibilidades de estudar e de ter escolhas em meu caminho.

Ao Andriago que me incentivou a fazer o mestrado e sempre foi exemplo de persistência e dedicação.

Aos/as amigos/as que me indicaram as mulheres desta pesquisa para que ela fosse possível.

Às mulheres participantes do estudo, por me receberem e dividirem comigo um pouco de si mesmas, suas crenças, suas angústias, suas conquistas e suas lutas.

À minha família como um todo, que sempre foi espaço de renovação de energia e de acolhimento.

Aos meus amigos/as, que acompanharam este percurso e proporcionaram momentos de lazer para que a caminhada fosse mais leve.

Muito obrigada!

RESUMO

As mulheres estão cada vez mais em busca de reafirmarem suas identidades e seus espaços na sociedade diante a construção histórica de invisibilidade e submissão. A diferenciação dos indivíduos por gênero tem um caráter social e estabelece relações de poder, trazendo desigualdade entre eles. A relação de gênero atravessa os aspectos subjetivos e psicossociais vivenciados pelas mulheres em todas as suas áreas de vida, na maioria das vezes, de forma negativa. Parte dessas diferenciações refletem-se no lazer. O tempo disponível, as atividades realizadas, o significado delas e o conceito de lazer são diferentes para homens e mulheres. Diante das especificidades de gênero, este trabalho traz a discussão do uso recreativo de maconha pelas mulheres na atualidade, com o objetivo de identificar o significado deste uso para elas em momentos de lazer e compreender a relação entre a representação do feminino e o uso de maconha. Para desenvolver o estudo foi realizada uma pesquisa social por meio de entrevistas semiestruturadas. As entrevistas foram realizadas pessoalmente no local escolhido pelas participantes, gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas integralmente. Foram entrevistadas 8 mulheres com idade acima de 18 anos, moradoras de Belo Horizonte-MG, que autodeclararam fazer uso de maconha nos momentos de lazer. As mulheres da pesquisa foram acessadas pelo método Bola de Neve. Após leitura das transcrições, os dados foram sistematizados em categorias de sentido. Para a análise das categorias foi utilizada a análise de conteúdo, a fim de compreender o que estava por trás dos conteúdos manifestos, os sentidos subjetivos e a singularidade de cada mulher. A partir da coleta e análise dos dados foram definidas as seguintes categorias de sentidos atribuídos ao uso da maconha pelas mulheres: sociabilidade, relacionamentos afetivos e sexo com uso da maconha; relaxamento e descanso; ‘calmante’ e medicamento; autoconhecimento, afirmação de identidade e criatividade. De acordo com os achados da pesquisa foi identificado que a maconha insere-se no universo feminino como parte constituinte da cultura e da identidade das mulheres. A *cannabis* representa uma ferramenta que auxilia as mulheres a estarem em um estado psíquico que as possibilitam usufruir efetivamente do lazer, sem o atravessamento das cobranças sociais. A maconha, ao longo da pesquisa, apresentou-se para as mulheres como significante da libertação feminina; da autorização do ‘ser mulher’ conforme elas acreditam que devam ser, sem o julgamento sociocultural, estigmatizado e preconceituoso que está colocado para elas. A partir da compreensão da importância de uma (re)construção identitária, devemos valorizar a tentativa de ressignificações do que é a mulher para si e refletir qual o lugar deste corpo no espaço social. A maconha representa um facilitador, um meio para estas mulheres alcançarem estados, momentos de bem-estar e/ou de conexão com sensações desejadas, consigo mesmas e/ou com outras pessoas.

Palavras-chave: Lazer. Gênero. Maconha. *Cannabis*. Mulheres.

ABSTRACT

Women are increasingly looking to reaffirm their identities and their space in society in the face of the historical construction of invisibility and submission. The differentiation of individuals by gender has a social character and establishes power relations, bringing inequality between them. The gender relationship goes through the subjective and psychosocial aspects experienced by women in all their areas of life, most of the time, in a negative way. Part of these differences is reflected in leisure. The available time, the activities carried out, their meaning and the concept of leisure are different for men and women. In view of gender specificities, this paper discusses the recreational use of marijuana by women today, with the objective of identifying the meaning of this use for them at leisure and understanding the relationship between the representation of women and the use of marijuana. To develop the study, a social survey was conducted through semi-structured interviews. The interviews were conducted in person at the location chosen by the participants, recorded on audio and later fully transcribed. Eight women aged over 18 years, living in Belo Horizonte-MG, were interviewed, who self-declared to use marijuana during leisure time. The women in the research were accessed using the Snowball sampling method. After reading the transcripts, the data were systematized into categories of meaning. For the analysis of the categories, content analysis was used in order to understand what was behind the manifest content, the subjective meanings and the uniqueness of each woman. From the collection and analysis of data, the following categories of meanings attributed to the use of marijuana by women were defined: sociability, affective relationships and sex with marijuana use; relaxation and rest; 'Soothing' and medicine; self-knowledge, identity affirmation and creativity. According to research findings, it was identified that marijuana is inserted in the female universe as a constituent part of the culture and identity of women. Cannabis represents a tool that helps women to be in a psychic state that enables them to enjoy leisure effectively, without crossing social charges. Marijuana, throughout the research, presented itself for women as a signifier of female liberation; the authorization to 'be a woman' as they believe they should be, without the sociocultural judgment, stigmatized and prejudiced that is placed for them. From the understanding of the importance of a (re)construction of identity, we must value the attempt to redefine what women are for themselves and reflect on the place of this body in social space. Marijuana represents a facilitator, a means for these women to reach states, moments of well-being and / or connection with desired feelings, with themselves and / or with other people.

Keywords: Leisure. Gender. Marijuana. *Cannabis*. Women.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	08
1. INTRODUÇÃO	12
Por que, para que usar drogas?	19
Maconha, <i>Cannabis</i> , Santa Maria, Maria Joana, Cânhamo, Diamba, <i>Hemp</i> , <i>Beck</i> , Bagulho, Erva, <i>Marijuana</i> , Cigarrinho do Capeta	22
Mulheres e maconha: números	25
2. PERCURSO METODOLÓGICO	31
3. OS SENTIDOS DO USO DA MACONHA	36
3.1 Sociabilidade, relacionamentos afetivos e sexo com uso da maconha	42
3.2 Relaxamento e descanso	49
3.3 Calmante e ‘medicamento’	53
3.4 Autoconhecimento, afirmação de identidade e criatividade	56
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS	68
ANEXOS	75
Anexo 1 - Texto do parecer consubstanciado do CEP UFMG	75
APÊNDICES	79
Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	79
Apêndice B - Instrumento da coleta de dados	81

PREFÁCIO

*Toda árvore possui por baixo da terra uma versão primeva de si mesma.
 Por baixo da terra, a árvore venerável abriga "uma árvore oculta",
 feita de raízes vitais constantemente nutridas por águas invisíveis.
 A partir dessas radículas, a alma oculta da árvore empurra a energia
 para cima, para que sua natureza mais verdadeira,
 audaz e sábia viceje a céu aberto.
 O mesmo acontece com a vida de uma mulher.
 Como a árvore, não importa em que condições ela esteja acima da
 terra, exuberante ou sujeita a enorme esforço...
 por baixo da terra existe "uma mulher oculta" que cuida do estopim dourado,
 aquela energia brilhante, aquela fonte profunda que nunca será extinta.
 "A mulher oculta" está sempre procurando empurrar esse espírito
 essencial em busca da vida... para cima, para que atravesse o solo
 cego e consiga nutrir seu eu a céu aberto e o mundo ao seu alcance.
 Seus períodos de expansão e reinvenção dependem desse ciclo.¹*

Clarissa Pinkola Estés

Clarissa Pinkola Estés é analista jungiana e *cantadora* - como se autodenomina - contadora de histórias, norte-americana de ascendência mexicana. Clarissa proporciona a oportunidade de nos reconectarmos com nossas mulheres selvagens, de nos sensibilizar em relação à essência da alma feminina. A autora nos provoca para que reconheçamos nossa força, nosso espírito e nossa alma. A mulher selvagem é aquela de natureza instintiva feminina, de grande resistência e força, intuitiva, determinada e corajosa. O contato com esta essência abre passagens, iluminando a nós mesmas e a outras mulheres, co-responsabilizando-nos pela energia, resistência e manutenção de nossas raízes.

No processo civilizador as pessoas obrigam-se cada vez mais e em todos os lugares a controlar seus impulsos libidinais, afetivos e emocionais mais espontâneos, bem como suas mudanças de humor, para viver coletivamente. A coação externa transforma-se em autocoação, condicionando o comportamento humano e freando suas pulsões (ELIAS; DUNNING, 1985).

¹Trecho do livro *A ciranda das mulheres sábias: ser jovem enquanto velha, velha enquanto jovem* de Clarissa Pinkola Estés. Rocco, 2007.

No universo feminino a autocoação é ainda mais evidente, diante toda a postura contida e retraída que se esperava das mulheres ao longo da história.

O ‘ser mulher’ na sociedade atual ilustra a propensa desconexão das mulheres de suas essências em prol do processo civilizador e das pressões contemporâneas, como a produção acelerada, a busca pela acumulação de capital, a imposição de poder, a postura competitiva e a falta de solidariedade entre os seres; é uma desconexão com a natureza. Diante de tal cenário urge a necessidade de retorno às raízes, de exercitar a empatia e aprofundar na compreensão de alguns fenômenos sociais à luz das especificidades da mulher; análises feitas por elas, para elas e para seus descendentes.

Início o processo de reflexão e elaboração para o trabalho em questão a partir de mim mesma e de minha história, mulher, referência primeira de interesse e motivação para desenvolvimento deste estudo. Sou filha de pais mineiros nascidos no interior do estado. Minha mãe, referência maior de mulher para mim, não trabalhou fora e era quem ficava comigo e meus dois irmãos quando não estávamos na escola. Ela e suas irmãs sempre foram habilidosas com as mãos e com os afetos, assim como minha avó materna. Mãos ágeis na cozinha, na costura, nos bordados, crochês e afins.

Quando fui escolher minha profissão, ainda muito nova, me inspirei nas raízes da família para buscar algo que me possibilitasse vivenciar o lúdico, ter liberdade de criação, utilizar as minhas mãos como ferramenta de trabalho e contribuir para o bem-estar de outras pessoas. Sou hoje terapeuta ocupacional.

A minha graduação teve o foco principal na saúde, mas sempre com viés para o olhar holístico do sujeito e sua complexidade. Desde então estive imersa nas questões relacionadas à área, especificamente na saúde pública. Por destino, oportunidade, interesse ou (im) posições outras já ao final do meu primeiro ano como profissional em 2007 comecei a trabalhar com usuários/as de álcool e de outras drogas² na rede pública de saúde mental; área que trabalho até os dias atuais.

A convivência com os usuários/as³, a proximidade com a vida destes sujeitos e as trocas com os colegas experientes contribuíram para definir em qual área de trabalho eu desejava

²Drogas entendidas como substâncias psicoativas que podem causar dependência, a exemplo do álcool, maconha, cocaína, crack e outras. Segundo a definição da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2006), droga é qualquer substância não produzida pelo organismo que tem a propriedade de atuar sobre um ou mais de seus sistemas, produzindo alterações em seu funcionamento. Drogas psicotrópicas (ou substâncias psicoativas) são aquelas que atuam diretamente sobre o cérebro, alterando de alguma maneira o psiquismo.

investir e aquela que me realizava profissionalmente. A prática trouxe elementos para que meu olhar se desfizesse do foco na doença e enxergasse o sujeito ali presente, suas potencialidades, conforme proposto por Basaglia (2002): colocar a doença entre parênteses.

O uso de álcool e de outras drogas é um tema complexo que convoca diversos setores às reflexões e discussões: setores governamentais, não governamentais e da sociedade civil. Devido a esta complexidade, as diretrizes relacionadas às ações neste campo⁴ estão em frequente mudança. Tal fato me mobiliza constantemente em busca de atualizações e formações na área ou a ela relacionada.

Em 2008 tive a oportunidade de fazer um curso de especialização em Saúde da Família. Desenvolvi, à época, meu trabalho final referente a mulheres alcoolistas – uma proposta de intervenção para este público⁵. A escolha do tema deveu-se à sensibilidade pessoal com a questão, ao desejo em me aproximar e compreender estas mulheres e seus universos. A partir do levantamento bibliográfico do estudo identifiquei um aumento expressivo de mulheres que faziam uso abusivo de álcool, além de ficar evidente a existência de especificidades deste público e as consequências sociais particulares de tal fenômeno. A partir desses resultados, como em outros estudos semelhantes, ficou claro que a variável **gênero**⁶ é um fator importante a ser considerado para a análise do uso de álcool e de outras drogas na atualidade.

Após oito anos do término da especialização, me vi novamente impulsionada e sensibilizada a me aproximar dos estudos acadêmicos. Neste hiato, participei de cursos de capacitação e atualização referentes à temática, ligados à saúde pública e às questões psicossociais. Em minha busca por algo que acrescentasse reflexões além do lócus específico da saúde mental, descobri o Programa Interdisciplinar em Estudos do Lazer e percebi que tal

³O termo *usuários* é o termo usado em saúde pública para se referir aos usuários do serviço público de saúde; substituí o termo paciente que traz em si conotação de que o sujeito não é protagonista ativo em seu tratamento.

⁴Refiro-me aqui às diretrizes clínicas, políticas e jurídicas.

⁵SOUSA, Letícia. Projeto Borboletas: Metamorfose terapêutica das mulheres alcoolistas atendidas no CAPSad de Ouro Preto. Escola de Enfermagem, UFMG, 2010.

⁶Grifo meu. O termo *gênero* aqui utilizado faz referência à compreensão crítica que a autora Joan Scott (1995) estabelece, como um elemento constitutivo das relações sociais e históricas fundadas sobre diferenças apreendidas entre ambos os sexos e como uma forma primária de dar significado às relações de poder. Os conceitos normativos de gênero estabelecem uma oposição binária fixa dos significados de homem e de mulher, de masculino e feminino; tal imposição social deveria nos mobilizar à reflexão e atuação críticas a esta representação binária de gênero, considerando a concepção política, as instituições, a economia e as organizações sociais que a estabeleceram.

programa poderia ser um ambiente propício para novas trocas, novas perguntas e construção de diferentes saídas.

Os programas acadêmicos que se dedicam à temática específica sobre lazer no Brasil são recentes. A possibilidade de desenvolver pesquisas de caráter interdisciplinar agrega valores às discussões e instrumentaliza a produção de conhecimentos na área. Romera e Marcellino (2010) reiteram esta ideia afirmando que a interdisciplinaridade é o caminho possível para que cada especialização transcenda seu espaço, estabelecendo as trocas favoráveis ao avanço do conhecimento.

Chamo atenção porque escolhi um programa que não está inserido estritamente em um curso da área da saúde, que seria mais óbvio e, talvez, mais confortável pessoalmente devido à minha trajetória. Escolhi um curso distinto da formação específica em saúde para ampliar a visão sobre as mulheres que usam drogas de forma recreativa (e no caso específico deste estudo: a maconha) e compreender a essência / a função / a representação deste uso na vida delas, considerando o lugar subjetivo e social que estas substâncias ocupam.

1 INTRODUÇÃO

A proposição de analisar os significados e a relação entre as mulheres e a maconha com o lazer busca aprofundar no conhecimento de um fenômeno social representativo de um espaço-tempo político. O lazer, assim como os demais fenômenos sociais, sofre influência da chamada relação de gênero, construída social e culturalmente e que implica em relações de poder entre homens e mulheres, com consequências que refletem no comportamento de cada gênero (TEJERA; SOUSA; SAMPAIO, 2013) - ou o que se espera deles.

De acordo com Scott (1995), historiadora norte-americana que se dedica ao estudo da história das mulheres pela perspectiva de gênero, a definição de gênero tem duas partes diversas, mas inter relacionadas, que devem ser analiticamente diferenciadas: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. Para a autora, “[...] os conceitos de gênero estruturam a percepção e a organização concreta e simbólica de toda a vida social” (SCOTT, 1995, p.88), legitimando como as relações sociais e políticas são constituídas, uma parte crucial da organização da igualdade e da desigualdade.

A diferenciação dos sujeitos por gênero envolve um sistema de relações que não está somente relacionada ao sexo, mas tem um caráter fundamentalmente social, implica uma divisão hierárquica, pressupõe desigualdade. Originário a tal diferenciação, é percebido como o conceito de um gênero é definido em referência a outro; conforme ocorreu historicamente em relação à determinação do que seria o feminino com o parâmetro do masculino.

Na atualidade, a globalização tem trazido mudanças na ordem do discurso, nas relações sociais e, conseqüentemente, na constituição da identidade dos sujeitos. As transformações externas (tecnológicas, políticas e culturais) influenciam aspectos da intimidade das pessoas, contribuindo para as mudanças pessoais. Diante das rápidas alterações da vida moderna, com o rápido avanço de informações e tecnologias, a definição identitária em geral fica comprometida, em particular para o gênero feminino (VIEIRA, 2005). Tal particularidade ocorre devido aos reflexos da diferenciação entre os gêneros historicamente estabelecida; este descompasso ainda está presente na contemporaneidade e em diversos aspectos da vida social, mesmo considerando a atual liberdade dos sujeitos e sua participação ativa no processo de construção da própria identidade.

Ao mesmo tempo, a identidade feminina é produto social e reflexo do olhar do outro. Importa, antes de tudo, como e de que modo o outro a vê e não apenas a imagem que ela tem de si mesma. Em qualquer sociedade a imagem é construída socialmente pelas práticas discursivas cujo discurso é produto da cultura que a construiu. Assim, a identidade feminina é definida pelo discurso de seu interlocutor. Resulta do efeito espelho, identifica-se pelo reflexo do olhar do outro. Anthony Giddens (2000) levanta a questão de como as condições sociais modernas modificam e modelam o *self* e a identidade pessoal, criando um novo discurso para a expressão dessa realidade (VIEIRA, 2005, p.235).

Dentre os reflexos sociais da diferenciação entre gêneros, um dos primeiros marcos da desproporção sobre o lazer entre homens e mulheres⁷ é o tempo disponível para tal. Na sociedade patriarcal em que vivemos as obrigações domésticas e o cuidado com os filhos (ou o cuidado com outros que o necessitam) ficam em sua maioria sob responsabilidade das mulheres. Imersas ainda no sistema capitalista, elas se veem em duplas ou triplas jornadas de trabalho – trabalham fora e em casa - tornando o tempo para atividades de lazer muito escasso (MARCELLINO, 2000; GOELLNER *et al.*, 2010; TEJERA; SOUSA; SAMPAIO, 2013; BARBOSA *et al.*, 2013; BONALUME; ISAYAMA, 2018).

Considerando que as relações sociais de gênero se manifestam de várias formas e em diversas esferas da vida, seja no modo de conversar, falar, pensar, caminhar, dividir tarefas e oportunidades, escolher o tipo de lazer a ser vivenciado, entre outros, compreende-se que os estudos do Lazer não podem seguir sem um aprofundamento deste debate ora retomado (TEJERA; SOUSA; SAMPAIO, 2013, p. 13).

Bonalume e Isayama (2018) realizaram uma análise qualitativa dos dados quantitativos de parte do projeto de pesquisa *O Lazer do Brasileiro*⁸, considerando dados referentes ao lazer das mulheres brasileiras. Em tal análise, os autores identificaram que a principal definição de lazer para essas mulheres é divertimento e, em segundo lugar, o descanso. Este último está principalmente relacionado às mulheres poderem descansar das diversas

⁷Descrevo sobre o grupo ‘mulheres’ em acordo com o que encontrei na literatura. No entanto, ressalto que mesmo tal categoria não é homogênea em si, considerando idade, classe social, raça/etnia, identidade de gênero, orientação sexual, estado civil e outros aspectos.

⁸A pesquisa *O lazer do brasileiro* foi realizada entre 2012 e 2014, utilizando-se de entrevistas individuais, com 2.400 pessoas, a partir dos 7 anos de idade, residentes nos 26 estados da Federação e no Distrito Federal, contemplando cidades de pequeno e grande porte e moradores das zonas rurais e urbanas do país. O estudo teve como objetivo realizar o levantamento de dados e informações acerca dos hábitos, interesses, vivências e barreiras relacionados ao lazer da população brasileira. Mais informações sobre a pesquisa podem ser encontradas no livro: STOPPA, E.A.; ISAYAMA, H.F. (Org.) **Lazer no Brasil: Representações e concretizações das vivências cotidianas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2017.

obrigações que se sentem responsabilizadas, tanto no trabalho como em casa. A pesquisa demonstrou também que as principais opções de lazer das mulheres brasileiras aos finais de semana estão relacionadas ao interesse social, quer dizer, lazer junto com outras pessoas, amigos/as, filhos/as e/ou companheiro/a. Outro dado relevante encontrado foram os motivos que justificaram para elas a não realização daquilo que gostariam - foram identificadas como principais causas a falta de tempo e a falta de dinheiro.

O que é considerado lazer modifica-se ao longo do tempo, considerando as mudanças históricas de organização social, política, da economia, de mercado e de organização do tempo. As conceituações de lazer surgidas na Modernidade⁹ tem relação com as mudanças estruturais advindas da Revolução Industrial, com o surgimento do modelo fabril e o trabalho nas fábricas, quando as máquinas começaram a ditar o ritmo do trabalho. A partir desse novo contexto houve a artificialização dos tempos sociais, um processo de racionalização, que estabeleceu uma clara separação entre o tempo de trabalho e o tempo de não trabalho, surgindo o lazer como fruto desta nova conformação histórica (MELO, 2013).

Durante esta fase inicial de se pensar o que seria o lazer, a principal característica deste fenômeno era o tempo livre oposto ao tempo de trabalho (o trabalho formal e o doméstico). Um dos estudiosos pioneiros da área - Dumazedier (1976) - destacou este conceito, considerando ainda a liberdade de escolha em relação ao que se fazer neste tempo, em um caráter desinteressado, seja para repousar, para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora. Apesar do caráter funcionalista que tal conceito abarca - pois restringe o lazer somente ao viés tempo e como elemento submisso ao trabalho - o entendimento que Dumazedier traz ainda se faz bastante presente no imaginário coletivo de hoje, conforme veremos nos resultados da pesquisa.

Diante do contexto de consolidação do lazer a partir da Modernidade, Pimentel (2012) faz uma reflexão de como o lazer, na condição da sociedade industrial, cumpria uma função de harmonização social e suposta promoção da saúde, considerando que a vida como um todo possui uma missão edificante a cumprir. O autor critica o discurso higienista sobre a supremacia do lazer ativo, como aquele relacionado à atividade física com foco na vida saudável.

9O marco do conceito em referência ao período da Modernidade é diante o conceito nomeado como lazer na atualidade. Aqui não entrarei na discussão sobre as atividades de diversão / recreação em períodos anteriores; se seriam ou não considerados lazer.

Para Pimentel, tal crença está embasada na manipulação ideológica dessa categoria por instituições interessadas em reforçar a dimensão funcionalista das práticas no tempo livre. Para ele não nos cabe definir o lazer como algo bom, pois esta avaliação reforçaria o moralismo sobre as práticas não-usuais, alienando o subjetivismo da ação.

Logo, em exemplos, o consumo de álcool, assistir a um filme pornográfico, jogar um videogame violento e praticar esportes de risco deixaram de ser fustigados apenas pela subjetividade afeita ao certo e errado e passaram ao exame dito objetivo da medicina, da psicologia e da psiquiatria, que podem diagnosticar essas opções (de lazer) como comportamentos desviantes, frutos de desequilíbrios e doenças (PIMENTEL, 2012, p.306).

Rojek (2005) também traz contribuições a respeito do lazer a partir do que seria relacionado socialmente a ‘comportamentos desviantes’. O autor compreende que, a partir do século XVIII, as ações humanas passaram por um processo de cientifização, desenvolvendo métodos e linguagens que excluía a recriminação de condutas do campo religioso e dos costumes para um processo de ‘patologização’, incluindo aí os lazeres.

Pimentel e Rojek são autores que trazem contribuições para pensar o lazer além de uma postura moral, ressaltando a subjetividade e o poder de escolha dos sujeitos. O lazer não necessariamente é representante apenas de aspectos ditos ‘positivos’, ele está sujeito às ressignificações das subjetividades contemporâneas. A busca por qualidade de vida pela compreensão de qualidade como vida saudável poderia representar abdicação da liberdade, tornando paradoxal o próprio conceito de saúde¹⁰. “O aprisionamento a normas de qualidade de vida pode comprometer o viver qualitativamente” (PIMENTEL, 2012, p.312). A normalização, tida como instituição de normas como parâmetros valorativos, representa uma forma de regulação social. Toda e qualquer decisão normativa, em qualquer campo, institui parâmetros, regras, modelos, padrões para estabelecer vigilância, regulação, correção e coerção (NEVES;

¹⁰Pimentel considera aqui o conceito clássico de saúde conforme a normatização biomédica, apontada pela Organização Mundial de Saúde (OMS, 1947) que define saúde como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não somente ausência de afecções e enfermidades”. Para alcançar tal bem-estar, a liberdade de escolha estaria presente e seria essencial. Podemos aprofundar a reflexão conceitual ao considerar o estudo de Georges Canguilhem (médico e filósofo francês) sobre como se estabelece o considerado normal e o patológico. O autor vincula que o mecanismo que torna determinado sistema em um sistema patológico é a relação de inserção deste na totalidade indivisível de um comportamento individual, uma relação normativa de ajustamento ao meio; o normal e o patológico seriam estabelecidos no interior de uma relação entre organismo e meio ambiente. No entanto, sendo tais conceitos definidos pela relação do organismo com o meio, Canguilhem questiona se as ‘anomalias’ seriam formas que se afastam de um tipo específico, considerado a norma, ou seriam produções de novas normas? Portanto, o patológico não seria algo isolado, mas seria inerente à vida, produtores da diversidade; neste viés, não seria nomeado ‘patológico’ ou ‘anormal’. Para saber mais: CANGUILHEM, G. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

PORCARO; CURVO, 2017).

Em discussões mais atuais sobre conceitos de lazer, destaca-se o entendimento do fenômeno como uma dimensão da cultura; o lazer construído socialmente com a inter-relação dos componentes tempo, espaço-lugar, manifestações culturais e ações baseadas na ludicidade, sempre em diálogo com o contexto (GOMES, 2004). Portanto, para analisar o lazer de cada sujeito, é necessária uma visão holística da vida dele/a, suas redes, suas atividades, interesses e contextos inseridos.

Minha experiência profissional e minha observação empírica apontam o meu interesse em entender melhor a relação entre o lazer e o uso de substâncias. Todas as atividades humanas acontecem por uma necessidade individual e/ou coletiva de produzir, de realizar, de fazer; toda atividade e ação acontecem por uma causa e tem uma explicação (MARTINELLI, 2011). Cabe então buscar as razões individuais pela escolha do uso de drogas, sem o julgamento moral, e também localizar esta escolha no contexto histórico, social, econômico e político.

Além das motivações pessoais e sociais para o uso de drogas importante observar que, geralmente, o uso se inicia nas situações de lazer, de vivência do ócio, do tempo disponível das pessoas (ROMERA; MARCELLINO, 2010). O lazer pode ser interpretado como uma forma de escapar da repressão aos impulsos libidinais colocados pelo processo civilizatório; corresponde a uma necessidade existencial para sociedades mais complexas, a partir do momento que está associado à libertação de tensões, ao prazer e à diversão, aspectos cruciais na vida humana. A relevância das reações emocionais no lazer devem-se às funções de quebra da rotina e por gerarem uma tensão/excitação agradável (ELIAS; DUNNING, 1985).

Para fazer a análise do significado do uso de substâncias em determinado período da história é necessário compreender que a mudança na estrutura social irá trazer mudanças no comportamento dos seus atores sociais, além da criação de novas regras e normas controladas pelo Estado (MARCHESE; VILELA JUNIOR; MACHADO, 2011). A partir das mudanças da estrutura social pode-se inclusive alterar a visão do que seria correto/aceito pela sociedade e o que seria errado/recriminado:

Aquilo que inicialmente poderia ser entendido como repressão e violência passa, ao longo dos anos e do crescimento desta estrutura social, a ser incorporado como 'costume', possivelmente transformado em um traço cultural da sociedade em questão (MARCHESE; VILELA JUNIOR; MACHADO, 2011, p.3).

A história mundial das drogas, com destaque à história ocidental, exemplifica a

mudança da estrutura social e sua influência no comportamento humano. A descoberta da produção do açúcar e da aguardente (drogas mais emblemáticas do mercado mundial), a partir da cana-de-açúcar proveniente do Extremo-Oriente, determinou em seu sistema produtivo a escravidão africana e incorporou o doce à dieta global, além de moldar as colônias da América e as manufaturas da Europa. Interessados em açúcar, aguardente, tabaco, café, chá, chocolate e ópio, as populações mundiais expandiram o comércio exterior, alimentaram os tributos estatais, foram estimuladas nas fábricas e nas grandes plantações. A revolução do álcool destilado e dos psicoativos em geral, ocorrida a partir do século XVII, foi um dos mais importantes fatores da história econômica, social e cultural na época moderna (CARNEIRO, 2002).

Já no século XIX, na região anglo-saxônica sob forte influência de correntes puritanas do metodismo e de outros grupos religiosos, uma frente política passou a defender a proibição de diversas drogas de uso recreativo. Tal posição tornou-se hegemônica nos Estados Unidos em 1919 até 1933, com a instauração da Lei Seca, proibindo a fabricação e a venda de bebidas alcoólicas. Mesmo após sua revogação, entretanto, o espírito puritano proibicionista continuou a influir desde então no mundo, tornando-se até mesmo doutrina oficial das Nações Unidas (CARNEIRO, 2002). Esse aspecto da proibição gerou a partir deste momento histórico, relações que estigmatizaram o uso do álcool e de outras drogas.

Em cada contexto sociocultural há uma reflexão a ser realizada em relação aos significados e simbolismos das drogas, como por exemplo, tornar-se o incentivo para a escravidão, moldar o comportamento social pelo mercado, até chegar o momento proibitivo do século XIX e do século XX que trazem novos elementos a partir de interesses hegemônicos. Conforme corrobora Rosa (2014), a proibição da produção, do comércio e do uso de drogas é influenciada muito mais por questões morais do que por questões referentes à saúde e à segurança pública. A partir do século XX, quando há o predomínio do mercado financeiro, o consumo de drogas alcançou sua maior extensão mercantil e, em contraposição, o maior proibicionismo oficial (CARNEIRO, 2002).

Neste momento do século XXI a dita ‘sociedade da informação’, que tem grande acesso a tecnologias, conhecimentos e redes virtuais, está sofrendo um aumento da observação, intervenção e regulação de hábitos cotidianos pelo Estado – o que influencia também na regulação do consumo. Sob forte influência de tratados internacionais, legislações específicas e aparatos policiais os brasileiros têm hoje maior influência reguladora do Estado. Seguindo a

lógica contextual, o controle sobre a circulação das drogas também perpassa pelos interesses econômicos, políticos, culturais e, sobretudo, morais (ROSA, 2014).

Dentre os/as usuários/as de álcool e de outras drogas há ainda aqueles mais propensos à estigmatização e exclusão social. O público usuário feminino apresenta peculiaridades que evidenciam o gênero como uma variável de destaque quando refletimos sobre os estigmas referentes a pessoas que usam drogas (SOUSA, 2010). As mulheres têm especificidades subjetivas e sociais que foram construídas historicamente e que as deixam à frente de julgamentos em relação aos seus comportamentos. Desde que nasce, em muitos contextos e culturas, a mulher trabalhará para seu pai, seu irmão, para o marido e os filhos; serão condenadas ao trabalho braçal dentro de casa, a serviço de outros que não podem ou não querem trabalhar como elas (TIBURI, 2018). Com tantas funções a serem realizadas, são colocadas nos lugares de serem as responsáveis por estes cuidados e pouco tempo terão para o lazer. Quando se arriscarem a usar o próprio tempo para algo prazeroso, ‘não produtivo’, serão qualificadas negativamente.

A literatura disponível sobre uso de substâncias psicoativas por mulheres traz em sua maioria informações sobre uso abusivo, suas motivações associadas aos problemas e dificuldades vivenciadas por elas e sobre o tratamento para a dependência de drogas. Para além da análise do perfil da mulher usuária proponho a reflexão a respeito do lugar do *feminino* na sociedade atual que traz a contradição em sua essência, reforçando a mulher como um ser independente, mas ao mesmo tempo em que encobre a intensificação do trabalho feminino e o aprofundamento da dupla jornada de trabalho. Tal paradoxo contribui para a reprodução das desigualdades sociais e de gênero e torna a mulher refém de suas próprias ideologias (SIMÕES-BARBOSA; DANTAS-BERGER, 2017).

Para analisar a articulação entre gênero e o uso de drogas torna-se imprescindível compreender as complexidades que transversalizam o universo feminino e o uso de drogas, olhar para essa especificidade de gênero possibilita reconhecer suas particularidades e as relações de poder constituídas ao longo da história, como também as relações que as mulheres estabelecem com as drogas, seus padrões de consumo, tipo de substâncias e suas motivações para o uso (BOLZAN e BELLINI, 2015, p.4).

Quando comecei a pensar sobre o objeto de estudo para o mestrado inicialmente a projeção foi estudar as mulheres que fazem uso recreativo¹¹ de drogas, sem definir *a priori* o tipo de droga. No entanto, precisava refinar o público para que não se tornasse uma pesquisa

¹¹Uso recreativo é aquele uso não problemático, sem prejuízos funcionais, que não se encaixa como uso nocivo ou dependência de acordo com a Classificação Internacional de Doenças – CID10.

superficial, diante as diferenças entre as drogas – em relação ao efeito, às formas de aquisição da substância e ao perfil das mulheres que escolhem diferentes drogas para consumo. Ao pensar e observar o cotidiano de lazer das mulheres e em conversa com minha orientadora e com meu co-orientador, chegamos à proposta de estudar a respeito daquelas que fazem uso de maconha.

A maconha (ou *cannabis*¹²) tem em alta sua popularidade; dentre as drogas ilícitas, ela é a mais usada no Brasil (BASTOS *et al.*, 2017). Mesmo sendo uma substância de consumo e comércio ilegais, percebemos um movimento de naturalização do uso e podemos encontrar pessoas fumando nas ruas de forma semelhante ao uso do tabaco. As atitudes de tolerância ao uso da *cannabis* também ficam evidentes nos elementos culturais, como em filmes e músicas, por exemplo. As discussões sobre a legalização e descriminalização desta droga no Brasil estão se fortalecendo, principalmente porque em países próximos ao nosso as políticas referentes à liberação estão avançando, como no caso do Uruguai, por exemplo.

Por que, para que usar drogas?

Diversas substâncias, consideradas ‘drogas’, fizeram e fazem parte da cultura, da economia e da identidade de determinados povos, como o uso de plantas alucinógenas na América do Sul, a influência da cultura da coca na identidade dos autóctones que habitam os planaltos andinos, o consumo da coca pela população indígena na Colômbia, a *cannabis* como mercadoria do agronegócio estadunidense, o uso dos opiáceos e da cocaína como substâncias essenciais para tratamentos médicos e analgésicos na Europa (ROSA, 2014). A influência de tais substâncias no patrimônio histórico e cultural de diversas populações nos mostra que as drogas podem representar diferentes significações para os sujeitos e para os coletivos:

“Drogas” não são somente compostos dotados de propriedades farmacológicas determinadas, que possam ser natural e definitivamente classificadas como boas ou más. Sua existência e seus usos envolvem questões complexas de liberdade e disciplina, sofrimento e prazer, devoção e aventura, transcendência e conhecimento, sociabilidade e crime, moralidade e violência, comércio e guerra (SIMÕES *in* LABATE *et al.*, 2008, p.13).

As circunstâncias, as motivações e as novas formas de obtenção das substâncias

¹²*Cannabis* é o nome também designado para se referenciar à maconha, uma vez que a planta da qual é extraída a maconha chama-se *Cannabis Sativa*.

variaram bastante ao longo dos tempos, assumindo características próprias de acordo com cada época e cada segmento social em que está inserida (BRASIL, 2015). Os fatores identificados como influentes para o uso de drogas na sociedade moderna são tão diversos quanto contrários. “Os problemas são antagônicos e o uso de drogas é verificado nas distintas camadas sociais, assim como os usos das diferentes drogas” (ROMERA; MARCELLINO, 2010, p.78). Mesmo considerando que o uso de drogas faz parte da história da humanidade e que não ocupam estritamente o lugar de disrupção social, é comum os/as usuários/as serem carregados de estigmas e preconceitos, principalmente os/as usuários/as de substâncias ilícitas.

De maneira geral, não é possível definir uma causa única pela qual as pessoas da contemporaneidade se envolvem com drogas. Pelo olhar da saúde, o uso prejudicial destas substâncias é um problema de saúde pública considerado de origem multifatorial, envolvendo as dimensões biológicas, psíquicas, sociais e culturais (UNODC, 2015). Em estudo realizado por Venturi (2017) o autor analisa dados de um *survey* representativo da população brasileira adulta, desenvolvido em 2013¹³, a partir do que as pessoas compreendem como motivadores para o uso de drogas (pessoas usuárias e não usuárias de drogas). Os/as entrevistados/as remeteram as motivações para o uso majoritariamente a um contexto social, como resultados de uma ‘vitimização’ de determinadas situações sociais, e por uma ‘culpabilização’ individual pelo uso, devido a algumas ‘debilidades individuais’. No entanto, um número expressivo de pessoas, principalmente pessoas usuárias de drogas, avaliaram que as motivações também são relacionadas à escolha pessoal, referindo-se ao sujeito ativo e autônomo.

Alves e Rosa (2016) apontam que, dentre alguns fatores que motivam o envolvimento e a continuidade do consumo de drogas entre homens e mulheres, os homens sentiam mais necessidade de ampliar as relações sociais, de buscarem novas sensações, de aliviarem os aborrecimentos, melhorarem a autoestima e o desempenho sexual. Já a maioria das mulheres iniciava o envolvimento por conta de experiências traumáticas vivenciadas, como abuso sexual, incesto, violência doméstica, perda de familiares, depressão, sentimentos de isolamento social, pressões familiares e profissionais e o fato de ter pais e/ou parceiros usuários. Outras situações identificadas que influenciavam o uso de substâncias por mulheres incluíram o sentimento de responsabilidade nos cuidados com as crianças, o trabalho com o sexo (no caso das profissionais

¹³Esta *survey* foi realizada pelo Núcleo de Opinião Pública da Fundação Perseu Abramo (FPA), em parceria com a Fundação Rosa Luxemburgo (RLS). Principais resultados publicados em BOKANY, V. (org.), *Drogas no Brasil: entre a saúde e a justiça: proximidades e opiniões*, São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2015.

do sexo), os níveis mais altos de problemas de saúde mental e crônica, ausência de reconhecimento e valorização social, carência de projetos próprios e espaços próprios para a realização pessoal. A análise considerou como drogas aquelas ilícitas e aquelas lícitas, incluindo tranquilizantes e soníferos. O uso destes últimos estaria relacionado principalmente às questões do papel tradicional feminino em relação à reprodução e às obrigações domésticas.

Ettorre (2004) identificou fatores associados ao uso de drogas em comum aos listados por Alves e Rosa (2016); dentre os fatores diferentes descritos para o uso de substâncias por mulheres foram: sentirem-se sexualmente atraentes, o uso de drogas por prazer e para lidar com a dor de relacionamentos abusivos – este último semelhante ao estudo anterior, porém de forma mais ampla.

A partir do questionamento a respeito das motivações para beber, as mulheres escocesas de 30 a 50 anos relataram associação desse consumo ao relaxamento, à fuga das obrigações do trabalho e das obrigações domésticas e/ou do esforço realizado para agradar outras pessoas (EMSLIE; HUNT; LYONS, 2015). Algumas destas mulheres consumiam álcool para afirmarem suas identidades, além de buscar alívio do peso dos papéis sociais e das responsabilidades associadas a ser uma mulher na meia-idade. Houve relatos ainda que as mulheres por vezes bebiam excessivamente em eventos pontuais para se reconectarem temporariamente a quem elas eram quando jovens. Os dados da pesquisa sugeriram que o álcool para aquelas que eram mães talvez tenha sido significativo para articular a transição para o papel da maternidade. O estudo revelou a preocupação das mulheres com a postura tradicional que representaria a feminilidade, como o tipo de bebida que consumiam e a aparência física, por exemplo (EMSLIE; HUNT; LYONS, 2015). Estes últimos fatores ilustram como o ‘modelo’ de mulher socialmente construído está presente no inconsciente coletivo das pessoas.

Ao verificar o contexto e as preocupações de mulheres de uma cultura diferente da nossa percebe-se que o peso das responsabilidades e o estigma em relação a elas estão presentes de forma semelhante em ambas as realidades, reproduzindo uma lógica sexista do lugar da mulher na sociedade. Ao estar imerso na sociedade construída com referência no masculino, a visão sobre o feminino, o comportamento e a postura da mulher ficam sempre como objeto de julgamento. As próprias mulheres se apoderam do discurso que as castram e que as aprisionam; tornam-se vítimas de algozes que elas mesmas alimentaram.

A identificação de motivadores/desencadeadores psicológicos e sociais para o uso de

drogas em homens e em mulheres contribui para a compreensão do perfil das pessoas usuárias de algumas substâncias e contextualiza as relações de gênero estabelecidas no meio social e cultural. Além da abordagem à diferenciação sobre homens e mulheres, importante considerar também o tipo de droga em uso. Há divergências na visão, comportamentos e significados para as pessoas (usuárias e não usuárias) de acordo com a substância escolhida, principalmente se ela é legalizada ou não.

Em acordo com a proposta da pesquisa, vamos refletir sobre a inserção da maconha na atualidade, as relações desta no contexto social e as especificidades de gênero que atravessam tais considerações.

Maconha, *Cannabis*, Santa Maria, Maria Joana, Cânhamo, Diamba, *Hemp*, Beck, Bagulho, Erva, *Marijuana*, Cigarrinho do Capeta...

Como elemento de um evento contemporâneo, as drogas como uso recreativo têm estado cada vez mais presentes nos momentos de divertimento, socialização e lazer de diversos grupos sociais. Parte do contexto e reflexo da dinâmica social, as mulheres também estão fazendo uso de drogas cada vez mais, especialmente da maconha, e em sentidos e significações cada vez mais diversos.

No Brasil, a *cannabis* ainda é tida como substância de consumo e comércio ilegais, salvo resolução recente da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA)¹⁴ que aprovou em dezembro de 2019 novo regulamento para o uso de produtos à base da droga para fins medicinais. A resolução aprovada dispõe sobre os procedimentos para a concessão de uma Autorização Sanitária para a fabricação e a importação desses produtos, bem como estabelece requisitos para comercialização, prescrição, dispensação, monitoramento e fiscalização desses. A decisão tem como intuito legalizar o uso medicinal da maconha no Brasil. No entanto, o uso recreativo da planta no país ainda não é pauta para ser regulamentada pelas políticas públicas.

A atual lei sobre drogas em vigor, Lei federal 11.343 de 2006, não prevê prisão para quem fuma maconha, mas permite que a pessoa seja presa pela posse da substância. Outras penas contempladas na lei para pessoas classificadas como usuárias são: advertência sobre os efeitos

14BRASIL. Ministério da Saúde. Resolução da Diretoria Colegiada - RDC nº 327, de 9 de dezembro de 2019. Disponível em <<http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-da-diretoria-colegiada-rdc-n-327-de-9-de-dezembro-de-2019-232669072>> Acesso em 01/03/2020.

das drogas, prestação de serviços à comunidade e/ou medida educativa de comparecimento a programa ou curso educativo. A lei não estabelece a quantidade de porte que caracteriza-o como porte para consumo pessoal ou para tráfico, ficando a critério do/a juiz/a tal determinação. Portanto, apesar do movimento de naturalização da droga, seus usuários ainda sofrem diversas vezes por não serem bem vistos na sociedade e estigmatizados pelo uso da substância legalmente proibida.

A maconha é usada pela humanidade há mais de 6000 anos. Inicialmente no oriente e depois expandido para a Europa e América do Norte, o principal uso da planta era para extração de suas fibras, utilizadas na produção de cordas, velas e suprimentos para embarcações marítimas. Posteriormente a planta foi utilizada na confecção de papel, como produto inebriante e para uso medicinal, especificamente na China e Índia. No Brasil, o plantio e o uso da fibra surgiram em meados do século XVIII, mas sem grande destaque devido à dificuldade de se conseguirem sementes de qualidade e pelas vicissitudes políticas (FRANÇA, 2015). Na verdade, desde esta época, a *cannabis* no Brasil era conhecida como um ‘vício pernicioso e degenerativo’ trazido pelos africanos.

De fato, o hábito de uso da planta na América Portuguesa foi consolidado pelos africanos. No entanto, a maconha estava presente de forma ritualística, em celebrações, fazendo parte do contexto cultural e originário dos escravos. Ao longo da primeira metade do século XX a crença negativa de que o hábito de consumir maconha era um legado nefasto da raça negra para o Brasil cresceu entre os estudiosos da época (médicos, juristas, agrônomos, botânicos e antropólogos) e culminou na proibição definitiva do seu plantio e uso em 1936 (FRANÇA, 2015). Tal proibição não foi embasada em estudos aprofundados sobre o tema, revelando a associação negativa da *cannabis* com o preconceito racial e com os pobres desde o início da história da maconha no país.

Antes da proibição oficial, no século XIX foi iniciada uma alegação de que a maconha afetava o comportamento dos escravos, tornando-os violentos e comprometendo o desenvolvimento das atividades produtivas - foi o princípio da proibição das vendas e do consumo (FRANÇA, 2015). Acreditava-se que a maconha foi introduzida no Brasil pelo negro escravizado como vingança pelo roubo de sua liberdade.

A proibição das drogas sempre teve um cunho moral e repressor importante para fortalecer o poder e os privilégios daqueles que detêm maior governança no Estado.

Economicamente o proibicionismo também é lucrativo, ao considerar o montante de dinheiro ganho sem ser declarado e justificado oficialmente, com envolvimento de diversos setores:

O proibicionismo do início do século XXI dirige-se (...) contra outras drogas (os derivados de coca, ópio, cânabis, substâncias sintéticas). Seu efeito é aumentar a voracidade da especulação financeira nesse ramo de alta rentabilidade do capital e, ao mesmo tempo, inflar o aparato policial na tarefa da repressão. As drogas são produtos da cultura, são necessidades humanas, assim como os alimentos e as bebidas, podendo ter um bom ou um mau uso, assim como ocorre com os alimentos. A diferença é que um viciado em açúcar não corre o risco de ir preso mas apenas o de perder a saúde na obesidade ou diabetes. A idéia da erradicação do consumo de certas substâncias é uma concepção fascista que pressupõe para o Estado um papel inquisitorial extirpador na administração das drogas, assim como de outras necessidades humanas. A noção de um Estado investido do poder de polícia mental e comportamental, que legisla sobre os meios botânicos e químicos de que os cidadãos se utilizam para interferir em seus estados de humor e de consciência e que pune os que desobedecem é um pressuposto necessário para a hipertrofia do lucro obtido no tráfico. Em outras palavras, a proibição gera o superlucro. Por essas razões, a reivindicação da descriminação das drogas choca-se tanto com os interesses dos grandes traficantes assim como com os do Estado policial (CARNEIRO, 2002, p.127).

Portanto, a proibição da maconha no Brasil iniciou-se com um cerceamento à liberdade cultural dos escravos africanos e evoluiu para o cerceamento aos pobres e manutenção do empoderamento das elites hegemônicas. Retirar o direito de usar a *cannabis* foi uma forma de tentar controlar os escravos para focarem somente na produtividade. A proibição como pretexto para a manutenção do preconceito racial e de classe perpetuou-se até os dias atuais ao retratarem a maconha como elemento associado à ‘vagabundagem’ e uma ameaça à ordem social. Posteriormente na história, cientes da impossibilidade de retirar a planta da sociedade, transformaram a dinâmica da venda em lucro ilegal para os próprios proibidores.

Somente nas últimas décadas do século XX começou a se dissolver a mitologia negativa em torno na *cannabis* (FRANÇA, 2015). Tal dissolução foi se desenvolvendo a partir da presença do uso da planta em contingentes cada vez maiores da população e, principalmente, entre as camadas mais abastadas. A partir das décadas de 1960 e 1970 setores da juventude contestadora urbana de classe média provocaram maior disseminação do uso da maconha no país (MACRAE; ALVES, 2016).

Além do lucro macro do mercado ilegal que beneficia a elite, o tráfico também foi uma maneira dos pobres alcançarem algum ganho financeiro após o restabelecimento da democracia em 1985, a partir da instauração de um modelo econômico neoliberal. Este modelo trouxe um aumento da desigualdade e o tráfico apresentou-se como uma forma de acesso das

camadas mais pobres ao consumo e à conquista de *status* (MACRAE; ALVES, 2016). Portanto, o tráfico de substâncias ilegais tornou-se uma possibilidade lucrativa para diversos setores sociais e, conseqüentemente, há menos interesse em reverter tal ilegalidade.

Para sustentar a proibição, setores religiosos também se posicionam a favor da ilegalidade de forma cada vez mais vigorosa. No momento político atual que prioriza a repressão e o controle do comportamento dos sujeitos, a propagação parcial de informações e posicionamentos contra o uso da maconha traz uma carga moral de peso para a visão popular dos malefícios da planta em prol dos benefícios. A liberdade de uso com informações fidedignas sobre os efeitos da *cannabis* fica comprometida e sempre à frente de julgamentos e estigmas da sociedade.

Mulheres e maconha: números

O uso de drogas de forma recreativa, na atual sociedade contemporânea, vem sendo tensionado pela proibição colocada. Os etílicos e outras drogas são elementos da cultura e, portanto, partes constituintes da identidade de nosso povo. No entanto, a partir da proibição de determinadas substâncias, muitos indivíduos passam a ser vistos como criminosos, rebeldes, vagabundos. O estigma perpassa principalmente aqueles considerados ‘minorias’ da sociedade, como os pobres, negros, mulheres e pessoas LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros). Ao compreender a proibição das drogas a partir de um viés moral, entende-se também porque essas pessoas, quando usuárias de substâncias, são mais estigmatizadas que outras, pois estas já sofriam pelos estigmas de suas próprias condições de existência.

A história da maconha no Brasil não traz elementos específicos sobre o lugar da mulher neste contexto. Conforme estudos realizados, a exemplo dos dados do III Levantamento Nacional sobre o Uso de Drogas pela População Brasileira - III LNUD 2015, apresentados abaixo, a maior proporção de usuários de *cannabis* sempre foi de homens. Não há informações sobre as razões para esta desproporção; pode-se levantar algumas hipóteses, como se de fato não havia um número considerável de mulheres usuárias ou se estes dados não eram de interesse de pesquisa.

Para subsidiar a análise atual sobre as mulheres contemporâneas que usam maconha e

localizá-las estatisticamente no universo dos usuários irei apresentar a seguir os dados que temos disponíveis sobre o uso dessa substância no Brasil e no município de Belo Horizonte (BH), onde foi desenvolvida minha pesquisa.

A fonte de dados estatísticos mais recente para subsidiar o estudo em relação ao uso de álcool e outras drogas por adultos no Brasil é o III Levantamento Nacional sobre o Uso de Drogas pela População Brasileira (III LNUD), realizado em 2015 e publicado em 2019 (BASTOS *et al.*, 2017). Para fazer uma comparação da população do município de Belo Horizonte com a realidade nacional utilizei o relatório da Pesquisa Conhecer e Cuidar 2015, pois esta foi desenvolvida de forma semelhante aos levantamentos nacionais anteriores (GARCIA *et al.*, 2015). Em consonância com a demanda do meu estudo, irei destacar os dados referentes ao uso de maconha que não se caracterizam como uso abusivo ou dependência, além do destaque ao parâmetro comparativo em relação ao gênero.

O III LNUD foi realizado entre maio e outubro de 2015 com a população residente em unidades domiciliares (domicílios particulares e unidades de habitação em domicílios coletivos) localizadas em todo o território nacional. Pesquisadores entrevistaram cerca de 17 mil pessoas com idades entre 12 e 65 anos, em todo o Brasil, com o objetivo de estimar e avaliar os parâmetros epidemiológicos do uso de drogas.

A pesquisa Conhecer e Cuidar foi uma pesquisa domiciliar realizada em todas as nove regionais administrativas do município de Belo Horizonte no período de novembro de 2014 a março de 2015. Foram entrevistadas 7.643 pessoas com idades entre 15 e 65 anos.

O III LNUD revelou que 9,9% dos brasileiros já usaram substâncias ilícitas (maconha, haxixe ou *skank*, cocaína em pó aspirada, *crack*, solventes, *ecstasy*/MDMA, *ayahuasca*, LSD, quetamina e heroína) na vida; 3,2% dos indivíduos usaram nos 12 meses anteriores à pesquisa, o que equivale a 4,9 milhões de pessoas. O uso de alguma substância ilícita nos últimos 30 dias foi relatado por 2,5 milhões, 1,7% da população entrevistada (BASTOS *et al.*, 2017).

Todos os percentuais nacionais referentes ao uso de drogas ilícitas - uso na vida, nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias - são muito maiores entre os homens comparados aos das mulheres, conforme tabela abaixo:

Tabela 1 - Número de consumidores e prevalência de pessoas de 12 a 65 anos que consumiram alguma substância ilícita na vida, nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias, segundo sexo - Brasil, 2015

Sexo	Na vida				12 meses				30 dias			
	Pessoas (1.000)	%	IC95%		Pessoas (1.000)	%	IC95%		Pessoas (1.000)	%	IC95%	
			LI	LS			LI	LS			LI	LS
Total	15.197	9,9	9,2	10,6	4.906	3,2	2,8	3,6	2.566	1,7	1,3	2,0
Homens	11.087	15,0	13,7	16,1	3.712	5,0	4,2	5,8	2.032	2,7	2,1	3,4
Mulheres	4.110	5,2	4,6	5,8	1.194	1,5	1,2	1,8	534	0,7	0,5	0,9

Fonte: ICICT, Fiocruz. III Levantamento Nacional sobre o Uso de Drogas pela População Brasileira.

Nota: As prevalências (%) são relativas ao total da população da pesquisa e IC95% é o intervalo de confiança de 95% (LI - Limite Inferior e LS - Limite Superior)

O relatório da pesquisa destaca, porém, que esses resultados devem ser observados com cautela, uma vez que o inquérito domiciliar não é capaz de captar as pessoas que são usuárias e não se encontram regularmente domiciliadas ou estão em situações especiais, como por exemplo vivendo em abrigos ou em presídios.

Em Belo Horizonte foi identificado que 14,5% dos participantes já fizeram uso na vida de pelo menos uma droga ilícita ou regulamentada (estas últimas referem-se a tranquilizantes/sedativos e estimulantes) e 5,85% reportaram consumo nos últimos 12 meses. A pesquisa não realizou o levantamento do uso nos últimos 30 dias precedentes à entrevista.

Em BH, o uso de drogas ilícitas na vida também foi mais frequente entre homens: 22,2% de homens e 8,69% das mulheres entrevistadas, assim como o uso nos últimos 12 meses: 9,44% dos homens e 3,11% das mulheres (GARCIA *et al.*, 2015).

O III LNUD não considera dentre as drogas ilícitas as substâncias regulamentadas (os medicamentos) e, por isso, não é possível a comparação exata entre o levantamento nacional de uso das drogas ilícitas com o levantamento municipal. O fato de considerar as drogas regulamentadas na mesma categoria das drogas ilegais provavelmente elevou a prevalência de usuários no município comparado aos dados nacionais. Importante ressaltar ainda que o uso das substâncias regulamentadas em BH é mais prevalente entre as mulheres (GARCIA *et al.*, 2015).

A substância ilícita com maior prevalência de uso na população brasileira é a

maconha - 7,7% dos brasileiros de 12 a 65 anos já a usaram ao menos uma vez na vida. Nos últimos 12 meses a prevalência foi de 2,5%. Aproximadamente 2,2 milhões de indivíduos usaram nos 30 dias anteriores à entrevista, representando 1,5% de prevalência entre as pessoas entrevistadas (BASTOS *et al.*, 2017).

Assim como no III LNUD, em Belo Horizonte a droga ilícita com maior prevalência de uso na vida também foi a maconha: 11,78% dos entrevistados já usaram; dentre os homens entrevistados, 19,21% relataram já terem feito uso de maconha na vida e, dentre as mulheres, 6,11%. Ao comparar a porcentagem nacional de pessoas que já usaram maconha na vida com a porcentagem de Belo Horizonte percebe-se que em BH a proporção é consideravelmente maior. A prevalência de uso de maconha nos últimos 12 meses em Belo Horizonte foi de 4,2% da população, 1,7 pontos percentuais superior à brasileira (GARCIA *et al.*, 2015).

Tabela 2 - Comparação entre a prevalência nacional e municipal de BH referente ao uso de maconha na vida e ao uso nos últimos 12 meses

ESTIMATIVAS	PREVALÊNCIA DE USO DE MACONHA NA VIDA	PREVALÊNCIA DE USO DE MACONHA NOS ÚLTIMOS 12 MESES
Prevalência Nacional	7,7% dos entrevistados	2,5% dos entrevistados
Prevalência Municipal (BH)	11,7% dos entrevistados	4,2% dos entrevistados

Fonte: Elaboração própria

O relatório da pesquisa do III LNUD apresenta a categoria de estimativa de uso de substâncias ilícitas considerando ‘alguma substância ilícita’. Faz uma análise referente aos dados por sexo de forma geral, não diferencia a estatística por tipo de droga usada por cada sexo. A justificativa apresentada é que a apresentação de estimativas agregadas se mostra de grande relevância em termos de políticas públicas e permite com que os cálculos estratificadas (por sexo e idade, por exemplo) não gerem dados imprecisos que dificultem a mensuração e embasem empiricamente políticas públicas (BASTOS *et al.*, 2017). O relatório reconhece que esta forma de análise perde em especificidade farmacológica e clínica, mas prioriza o alcance para algo mais abrangente em termos políticos. Para minha pesquisa, a ausência destas informações compromete o dimensionamento do fenômeno do uso de maconha por mulheres no contexto geral e a

comparação com os dados de Belo Horizonte.

Apesar do número de homens usuários de drogas ilícitas ainda ser maior que o número de mulheres (com exceção do uso de medicamentos) o uso entre o público feminino vem aumentando. Considerando o conjunto de substâncias ilícitas, o Brasil estaria em um padrão intermediário entre sociedades ditas afluentes, como os Estados Unidos, Canadá e Europa setentrional, onde existe uma tendência crescente a relativa homogeneidade dos padrões de consumo de substâncias ilícitas por sexo (BASTOS *et al.*, 2017).

Os dados estatísticos auxiliam a subsidiar a análise do crescente aumento do uso da maconha entre as mulheres e deve-se considerar os números no contexto sociocultural histórico. A partir do momento que as mulheres reivindicam seus lugares de direito, antes tomados pela maioria masculina, percebe-se também que seus hábitos e escolhas mudam, como aconteceu com o uso do tabaco, por exemplo. Mudanças no paradigma social da mulher, aspectos socioculturais e psicossociais da vida delas na família e na comunidade de convivência representam fatores desencadeantes para o uso de drogas (MARANGONI; OLIVEIRA, 2013). Seja para experimentação, para suportar a rotina, aliviar o estresse, socializar ou se divertir, a planta se faz cada vez mais presente no universo feminino.

O contexto histórico atual do capitalismo, da sociedade de consumo, de mercantilização, da busca de prazeres imediatos, da superficialização das relações interpessoais, da busca por sentidos e da carência em suportar angústias - fariam uma relação com a busca pelo consumo de substâncias? E a presença do feminino nesta sociedade machista, construída a partir do patriarcado, com o peso (externo e interno) das obrigações domésticas, com as múltiplas atribuições da mulher, com a necessidade de uma imposição para se ter um espaço e reconhecimento, com a prescrição de corpos perfeitos e de felicidade... teriam relação com o comportamento de uso de drogas nos momentos de lazer destas mulheres? Viver em uma cidade cosmopolita, que impõe um ritmo acelerado, que baliza as relações em produções, que nos imerge em trânsitos, automóveis e concretos, que nos envolve em eletrônicos, que nos distancia das nossas raízes (humanas e da natureza), que dita nossa postura e nosso prazer... nos impulsionaria para a busca de uma 'liberdade mental' ou a um estado de alteração de consciência?

Apesar da imersão dos sujeitos na sociedade e ao que está estabelecido como norma

social e política, esses sujeitos tem a liberdade ainda assim de vivenciarem as situações em consonância com seus valores, escolhas e crenças pessoais. Marcellino (1990) ressalta que o lazer é marcado pela ambiguidade: pode contribuir para o desenvolvimento de atitudes críticas e criativas com relação às esferas pessoal e social ou acentuar o conformismo, levando a processos de acomodação. Portanto, a mesma atividade de lazer desempenhada por sujeitos diferentes, pode conter significações e propósitos diferentes. Qual será o lugar de representação pessoal e coletiva da maconha para as mulheres em seus momentos de lazer?

Ademais, a discussão sobre o uso de drogas na sociedade desmistifica algumas crenças populares de que o uso de determinadas substâncias é restrito a algumas classes socioeconômicas, que algumas drogas são usadas apenas por dependentes químicos e que o uso de drogas é devido a desvios da moralidade.

A partir dessas reflexões que envolvem o lazer, o uso de drogas e as especificidades de gênero na sociedade atual proponho tal estudo com os seguintes objetivos: identificar o significado do uso de maconha por mulheres em momentos de lazer e compreender a relação entre a representação do feminino e o uso de maconha por estas mulheres.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa é um estudo social. A escolha pela pesquisa social foi realizada para compreender o fenômeno a partir do próprio sujeito, neste caso, das mulheres que usam maconha nos momentos de lazer. Como elas interpretam suas vivências, como elas se veem no contexto contemporâneo com as questões sociais que perpassam suas histórias e suas existências. Neste tipo de pesquisa a linguagem dos sujeitos é o principal aspecto a ser considerado, pois somente o autor da sentença pode dar a dimensão exata do conteúdo e das razões de suas colocações, já que são as experiências que definem o conteúdo significativo de seu discurso (LIMA *et al.*, 1996). Para acessar as informações necessárias, foram realizadas entrevistas com mulheres que fazem uso recreativo¹⁵ de maconha.

Como pesquisa qualitativa, proporciona uma melhor compreensão dos fenômenos e processos sociais envolvidos na temática, possibilitando analisar os significados que as pessoas atribuem às suas experiências do mundo social. As metodologias qualitativas privilegiam a análise de microprocessos, por meio do estudo das ações sociais individuais e grupais; representam a tentativa de ver o indivíduo não como objeto, mas como sujeito do conhecimento e da história (MARTINS, 2004; POPE; MAYS, 2009).

A amostra do estudo foi construída por meio do método Bola de Neve. Este método é utilizado para localizar pessoas com o perfil necessário para a pesquisa, dentro da população geral. Ele se inicia a partir de ‘sementes’ - as primeiras referências de contato para acessar o público de interesse – que ajudam a tatear o grupo a ser pesquisado. Posteriormente é solicitado às pessoas indicadas pelas sementes que indiquem novos contatos com as características desejadas, a partir de sua própria rede pessoal, e assim sucessivamente. Esta amostragem utiliza, então, cadeias de referência e é útil para estudar determinados grupos difíceis de serem acessados (VINUTO, 2014). Diante do estigma e preconceito referente às usuárias de maconha, tal método mostrou-se indicado para ter acesso ao público de interesse.

De acordo com os objetivos estabelecidos para o estudo e o percurso metodológico escolhido, não foi definida amostra mínima. Minayo (2009) destaca que, para certas pesquisas sociais, qualitativas, a ideia de amostragem não é a mais indicada, pois o foco da pesquisa não

¹⁵Embora as terminologias lazer e recreação tenham definições próprias, estas diferenças teóricas não são objeto deste texto. Portanto, recreação e lazer serão tratadas como sinônimos, referindo-se aqui ao uso de maconha em momentos de lazer, uma vez que a definição para a pesquisa foi a partir das falas das próprias mulheres.

são os sujeitos em si, mas as suas representações, comportamentos, conhecimentos, práticas e atitudes. Vinuto (2014) ressalta que, nesta forma de estabelecimento da amostragem, eventualmente o público-alvo torna-se saturado ou, em determinado momento, as pessoas entrevistadas não acrescentarão informações novas ao quadro de análise, encerrando-se a busca da amostra, sem que este fato comprometa os resultados.

Os meus contatos pessoais divulgaram a pesquisa em grupos de *whatsapp*¹⁶ procurando por interessadas em responder a entrevista. Os grupos selecionados por elas eram exclusivos de mulheres em que tinham, sabidamente, usuárias de maconha. Todos tiveram o cuidado em explicar o objetivo do estudo, ressaltando que tratava-se de uma pesquisa acadêmica em que suas identidades seriam mantidas em sigilo. Apenas um dos meus contatos pessoais acionou uma conhecida diretamente para indicá-la como participante.

A partir daquelas que demonstraram interesse em participar, entrei em contato diretamente com elas, também via *whatsapp*. Apesar do interesse inicial, algumas delas não deram continuidade à conversa e não responderam para efetivar a marcação do encontro. Outras foram descartadas pela dificuldade em coincidir as agendas disponíveis. A amostra, ao final, foi composta por oito mulheres. As quatro primeiras entrevistadas¹⁷ (sementes) foram indicadas a partir de três contatos de minha própria rede pessoal e as demais indicadas pelas ‘sementes’.

O meu contato direto por *whatsapp* facilitou para que elas já tirassem algumas dúvidas a respeito da pesquisa, principalmente referente ao sigilo, e as deixassem mais à vontade para me receber. O contato por mensagem escrita facilitou a expressão de algumas preocupações pessoais.

Para a realização das entrevistas, dispus a me deslocar para o local que elas tinham preferência. Seis das mulheres optaram por serem entrevistadas em suas casas e duas em seus locais de trabalho. O fato delas escolherem aonde realizarem as entrevistas foi um facilitador para que elas se sentissem mais confortáveis para falarem de si.

A partir de recomendação dada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG (CEP-UFMG), em seu parecer favorável à realização da pesquisa, não foram coletadas assinaturas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); esta recomendação foi justificada em

¹⁶*Whatsapp* é um aplicativo para envio de mensagens instantâneas, muito popular atualmente.

¹⁷Antes do início das entrevistas, o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (CEP UFMG) e aprovado pelo parecer nº 3.742.884.

cumprimento à resolução CNS 510/2016, em seu artigo 3º - não ampliar situação de risco ou vulnerabilidade, uma vez que a pesquisa estuda o uso de maconha, que é uma prática ilícita (ANEXO 1). Mesmo sem a coleta das assinaturas, foi deixada com cada uma das participantes uma cópia do que seria o TCLE a fim de esclarecimentos sobre a pesquisa e para que elas tivessem o contato dos/as pesquisadores/as, em caso de necessidade (APÊNDICE A).

O perfil da amostra foram mulheres acima de 18 anos¹⁸, moradoras da cidade de Belo Horizonte - MG e usuárias recreativas de maconha. Foram consideradas usuárias recreativas aquelas que se autodeclararam como tal; não foram avaliadas hipóteses diagnósticas¹⁹ referentes ao uso recreativo, uso abusivo ou dependência da droga, pois não se trata de um estudo da área da saúde ou com objetivo de abordar tais vieses. Não foram excluídas da amostra mulheres que são usuárias de outras drogas, mas a pesquisa centrou sua análise apenas no significado do uso da maconha para elas.

As mulheres selecionadas para as entrevistas não tinham relação anterior comigo, com o objetivo de evitar inferências sobre as minhas análises dos resultados e preservar as identidades das participantes.

A coleta de dados foi feita a partir de entrevista semiestruturada (APÊNDICE B), gravada por áudio e posteriormente transcrita na íntegra. Este instrumento de coleta de dados tem como objetivo construir informações pertinentes para o objeto de pesquisa e trata da reflexão do próprio sujeito com a realidade que vivencia. A entrevista semiestruturada possibilita que o/a entrevistado/a discorra sobre o tema sem se prender à indagação formulada (MINAYO, 2009).

A coleta das informações possibilitou um dimensionamento delas próprias a respeito do fenômeno social que vivenciam. Ao verbalizarem também seus pensamentos, elas tiveram a oportunidade de refletirem sobre seus sentimentos e suas escolhas. O contato direto com elas durante a entrevista viabilizou uma postura empática para que as entrevistadas se sentissem confortáveis e seguras em compartilhar suas histórias e informações pessoais.

A sistematização dos dados foi realizada a partir da leitura exaustiva das transcrições. O objetivo foi buscar o sentido de como elas compreendem a si mesmas e os significados advindos das experiências e vivências de cada uma. Para compreensão dos discursos é importante

18A definição pela faixa etária foi realizada em função da maconha ser uma droga de consumo ilegal no Brasil e, para acessar as mulheres menores de 18 anos, seria necessária autorização dos responsáveis, além dos resultados referentes aos significados atribuídos ao uso poderem ser bastante diversos devido ao momento de vida delas.

19Hipóteses diagnósticas são as possibilidades de diagnósticos realizadas a partir de sinais e sintomas apresentados pelo indivíduo.

levar em consideração a singularidade/subjetividade das mulheres, ressaltando que elas ocorrem no âmbito da história coletiva e contextualizada pela cultura do grupo. A análise foi feita a partir do pressuposto que a linguagem não é capaz de fazer com que conheçamos a experiência pura, mas o indivíduo a organiza por meio da reflexão e da interpretação do que é narrado e vivido, imersos em uma cultura (MINAYO, 2012).

A partir dos relatos das experiências de lazer e de uso de maconha pelas mulheres entrevistadas estabeleci categorias de sentidos para analisar os dados na pesquisa:

As categorias são empregadas para se estabelecer classificações. Nesse sentido, trabalhar com elas significa agrupar elementos, ideias ou expressões em torno de um conceito capaz de abranger tudo isso. Esse tipo de procedimento, de um modo geral, pode ser utilizado em qualquer tipo de análise em pesquisa qualitativa (MINAYO, 2009, p. 70).

As categorias definidas para classificar os sentidos atribuídos ao uso da maconha pelas mulheres após a transcrição e leitura das entrevistas foram: Sociabilidade, relacionamentos afetivos e sexo com uso da maconha; Relaxamento e descanso; ‘Calmante’ e medicamento; Autoconhecimento, afirmação de identidade e criatividade.

Para definição das categorias considerei aspectos objetivos e funcionais para que a classificação e análise dos dados fossem claras e coerentes:

Em termos simples: a) é preciso existir regras claras sobre os limites e definição de cada categoria; b) as categorias devem ser mutuamente exclusivas (o que está em uma categoria, não pode estar em outra); c) as categorias devem ser homogêneas (não ter coisas muito diferentes entre si, no mesmo grupo); d) é preciso que as categorias esgotem o conteúdo possível (não sobre conteúdos não conteúdos que não se encaixem em alguma categoria); e) é preciso que a classificação seja objetiva, possibilitando a replicação do estudo. (CARLOMAGNO; ROCHA, 2016, p. 184).

A classificação dos dados busca uma compreensão de significados para as respostas da pesquisa, mas não deve ser restrita ao que é objetivamente dito pelas entrevistadas. Interpretações devem ser feitas de forma cuidadosa para, então, passarem pelo processo de teorização. “O movimento classificatório que privilegia o sentido do material de campo não deve buscar nele uma verdade essencialista, mas o significado que os entrevistados expressam” (MINAYO, 2012, p.624).

Desta forma, a categoria ‘Sociabilidade, relacionamentos afetivos e sexo com uso da maconha’ foi definida a partir dos significantes atribuídos referentes ao uso da maconha para as

mulheres ao se relacionarem com outras pessoas e pelo uso associado ao relacionamento com companheiro/a. Nestas situações, a maconha está vinculada ao sentimento de desinibição que a droga provoca, a ter algo em comum com amigos/as e namorado/a e/ou ao aumento da libido percebida.

A categoria ‘Relaxamento e descanso’ pôde ser identificada quando as mulheres fizeram referência à busca pelas sensações de desligamento das obrigações, de descanso das questões cotidianas e diminuição da tensão da rotina. O relaxamento proporcionado pela maconha tem um significado de bem-estar e tranquilidade nesta categoria. Diante destas sensações, as entrevistadas inferiram que, quando fumam a maconha com este objetivo, o momento do uso torna-se um momento de lazer.

A categoria ‘Calmante’ e medicamento faz referência ao efeito que algumas mulheres relatam que a *cannabis* promove, como redução da ansiedade, de sentimentos depressivos e de redução de dores físicas (no caso de uma mulher que tem doenças crônicas que causam dores). Os relatos desta categoria são além de uma tranquilidade e descanso da rotina, são efeitos desejados para apaziguar uma inquietude intrínseca a elas.

A categoria ‘Autoconhecimento, afirmação de identidade e criatividade’ foi selecionada para abarcar como a maconha potencializa habilidades pré existentes. A maconha foi apresentada como um instrumento da busca do autoconhecimento psíquico, que traz clareza sobre o que são as prioridades para as mulheres e possibilita aumentar o conhecimento sobre o funcionamento do próprio corpo. Além disso, a partir do autoconhecimento, foi descrito como elas relatam a expansão da criatividade e de pensamentos sob efeito da *cannabis* e a maior conexão com a espiritualidade para aquelas que são místicas e ligadas às questões divinas. A militância pelas questões que envolvem a legalização da maconha também foi apresentada nesta categoria como algo representativo do autoconhecimento e da reafirmação de si e de seus valores no espaço social.

Para a análise das categorias estabelecidas utilizei a análise de conteúdo, técnica usada com a função de verificar as hipóteses levantadas para as questões da pesquisa e descobrir o que está por trás dos conteúdos manifestos, analisando além das aparências do que está sendo comunicado, o tema e o contexto da mensagem (MINAYO, 2009). Este tipo de análise exige uma coleta de dados realizada de forma adequada, considerando as fases de planejamento e sistematização dos dados, com a criação de categorias lógicas e coerentes. Tal metodologia se

destina a classificar e categorizar qualquer tipo de conteúdo, reduzindo suas características a elementos-chave, de modo a serem comparados a uma série de outros elementos (CARLOMAGNO; ROCHA, 2016).

Dentre os elementos que auxiliaram na análise para além do discurso objetivo trazido destaco a descrição da história do uso da maconha das mulheres, os contextos de uso, a busca por compreender os sentimentos envolvidos e as relações que elas estabelecem com a planta, com seus valores pessoais, com seu cotidiano e com as pessoas que as cercam.

3 OS SENTIDOS DO USO DA MACONHA

Esta seção do texto contém os achados de pesquisa (resultados obtidos). Aqui, apresentarei de forma descritiva e organizada (e não necessariamente cronológica) as falas das mulheres que participaram do estudo e tecerei interseções destas falas com a literatura.

Inicialmente cabe uma aproximação inicial do/a leitor/a com estas mulheres e um breve contexto das entrevistas. Como garantia de anonimato (já descrita anteriormente) as entrevistadas serão identificadas pela letra 'M' e seguida de um número (p.ex. M1, M2 e assim por diante):

M1: Mulher de 34 anos, solteira, terapeuta ocupacional, servidora pública. Tem uma filha de 1 ano e 3 meses e mora somente com a filha. A entrevista foi realizada no local de trabalho dela. Inicialmente M1 ficou bastante apreensiva em responder as questões relacionadas ao tema, mas, com o passar do tempo, foi ficando mais à vontade. Ao final da conversa, percebeu que não havia motivo para a apreensão inicial. Talvez tenha percebido que o tabu que a intimidava era um tabu pessoal. O fato da entrevista ter sido em seu local de trabalho acredito que também tenha influenciado para que a entrevistada ficasse mais retraída, mesmo sem a presença de outras pessoas por perto.

M2: Mulher de 39 anos, casada, formada em Nutrição, ocupação: do lar. Tem um filho de 3 anos, mora com a esposa e este filho. A entrevista foi realizada em sua casa. M2 mostrou-se bastante receptiva e aberta para falar de si e de sua experiência com a maconha. Ela se reconhece como 'maconheira', de uma forma muito natural. Mesmo assumindo tal naturalidade, opta por não assumir o uso da maconha na frente de algumas pessoas, como sua mãe e seu filho por exemplo. A construção cultural da ilegalidade da droga traz para si esse dilema moral.

M3: Mulher de 44 anos, casada, atriz, autônoma e trabalha no serviço público na área da Assistência Social. Não tem filhos e mora com o marido. A entrevista foi realizada em seu local de trabalho, mas em um lugar privado. M3 sentiu-se honrada em ser entrevistada em relação ao tema da pesquisa. Ela acredita que a maconha ocupa um lugar social injustiçado, pois tem muito apreço pelos benefícios dela. Já foi usuária intensa de cocaína, mas hoje não usa mais esta substância. M3 é uma mulher expansiva e comunicativa, crítica com as questões sociais em relação às desigualdades e ao momento político atual.

M4: Mulher de 25 anos, casada, atriz e professora de teatro para crianças. Não tem filhos e mora com o marido. A entrevista foi feita em sua casa. M4 fez reflexões pessoais e aprofundadas sobre sua vida e a relação que tem com a maconha. A substância está presente em sua vida desde a sua infância, pois sua mãe e tias já são usuárias de longa data. Ao longo da conversa deu alguns tragos em seu baseado²⁰, demonstrando estar à vontade naquele momento.

M5: Mulher de 28 anos, solteira, formada em Design de ambientes. Trabalha com desenvolvimento humano, faz atendimentos como Coaching e é terapeuta de ThetaHealing. Não tem filhos, tem um namorado e mora sozinha. M5 me recebeu em sua casa para a entrevista. Bastante tranquila, está em uma nova etapa de sua vida: acabou de se mudar de casa e há pouco tempo decidiu mudar-se também de ocupação e trabalhar como autônoma. Tem buscado grupos de mulheres para se reconectar com suas raízes femininas e espirituais. Resignificou o uso da maconha neste novo contexto de vida.

M6: Mulher de 59 anos, viúva, assistente social aposentada e universitária. Tem 3 filhas adultas e mora sozinha. A entrevista foi realizada na casa de sua mãe. M6 apresenta um discurso de experiência de vida, mas transparece um cansaço, uma desesperança em relação à melhora das questões sociais e humanitárias gerais. Assume uma postura de certa inflexibilidade referente ao que pensa. É militante com as questões sobre a legalização da maconha, além de criticar o atravessamento de alguns religiosos sobre o tema.

M7: Mulher de 23 anos, casada, universitária e estagiária na área. Não tem filhos e mora com o marido. M7 me recebeu em sua casa para fazer a entrevista. Uma mulher acolhedora, alegre, que acredita em mudanças para que a sociedade evolua. Muito ligada às questões espirituais, transmite uma postura de liberdade em ser quem é. Faz enfrentamentos e assume uma postura firme em relação àquilo que acredita.

²⁰ Baseado é o nome popular do cigarro de maconha.

M8: Mulher de 29 anos, solteira, musicista, professora de canto, cantora e proprietária de um espaço para aulas. Não tem filhos. Tem namorado e mora com uma amiga. A entrevista foi feita em sua casa. M8 é uma pessoa aberta a vivenciar novas sensações na busca de se sentir livre e desenvolver o autoconhecimento. Sempre em busca de aprendizados. Encontrou junto a outras mulheres um sentido de ressignificar a si e os objetivos de seu trabalho. Muito ligada às questões do feminino e à espiritualidade.

Todas elas são mulheres independentes financeiramente e apresentam uma postura crítica em relação ao processo de legalização, ao uso da maconha no Brasil e sobre o próprio consumo. Avaliam como a maconha atravessa as próprias vidas pessoais e o contexto da realidade social atual – tanto referente ao uso de uma droga ilegal, a influência desta na dinâmica socioeconômica macrossocial e a posição da mulher em tal contexto.

Uma das características comum a algumas destas mulheres foi uma certa timidez durante o processo de entrevista, bem como alguma preocupação com o sigilo das informações, o que é natural pelo fato da maconha ser uma substância ilegal, além do tabu social que ela e seus usuários carregam.

No entanto, outras se sentiram valorizadas e demonstraram necessidade de se falar do assunto, acreditando ser importante justamente para quebrar o tabu e para dar luz ao tema com destaque sobre o feminino. As mulheres demonstraram a urgência de serem escutadas em suas particularidades, seus desejos e valorizadas em suas posições, além de compreenderem a importância de se falar abertamente da maconha e de seus benefícios.

Todas as participantes iniciaram o uso da maconha com pessoas próximas a elas: duas iniciaram o uso por meio dos irmãos, que eram usuários, e, ao contato com eles, desencadearam o desejo de experimentar; uma foi com o namorado usuário e as demais (cinco) usaram a primeira vez junto com amigos - alguns já consumiam a *cannabis*, outros foram a primeira vez também. As mulheres da pesquisa relataram que o primeiro uso da *cannabis* foi entre 15 e 18 anos, em um viés de curiosidade e descoberta do que a substância iria proporcionar de efeito e reação:

Foi com 15 anos que eu fumei a primeira vez, com meu irmão. Eu vi ele usando a primeira vez, aí eu tinha aquele medo, fiquei olhando, observando, vi que não tinha alterações de nada, que tava normal... aí um dia eu falei: “Ah, me dá!” Experimentei, Amei! E não parei (M2).

Comecei com 16 anos, meu irmão fumava, então eu tinha vontade de experimentar. Então eu pegava dele e fumava, escondido. Até que ele ficou sabendo e, para eu não

conseguir com outras pessoas, ele preferia me dar. Aí comecei a fumar assim. No começo eu fumava com os amigos, com a turma (M3).

Eu comecei na faculdade (com 17 anos), a fumar com amigos, saídas... a gente ia muito em encontros de Design no país, encontros regionais, nacionais... nestas situações que eu comecei a fumar, só fumava dos outros, como experiência mesmo. Eu sou de Sete Lagoas, logo que eu mudei para cá vim morar sozinha, na faculdade, aí que comecei a experimentar coisas que eu não tinha acesso lá em Sete Lagoas (M5).

Spach e Viecili (2017) identificaram em seu estudo que o principal fator motivacional para o primeiro uso de maconha foi a curiosidade. Eles ressaltam sobre a importância de se compreender estes fatores motivacionais por trás do primeiro uso de *cannabis*, pois revelam aspectos chave da história do/a usuário/a, bem como os desejos que permeiam a relação de consumo. Considerando que a adolescência é um período de construção da identidade, da descoberta do próprio sujeito, é comum que eles/as busquem referências diferentes dos pais. Em geral iniciam o uso entre irmãos/ãs, amigos/as, namorados/as, compartilham experiências e vivências em busca de se localizarem em um contexto social e subjetivo.

Conforme a Teoria Psicossocial do Desenvolvimento de Erikson²¹ (1976 *apud* GAETE, 2015) o principal objetivo da adolescência é a busca da identidade. A conquista de uma identidade pessoal na adolescência e no início da idade adulta envolve aspectos em relação à aceitação do próprio corpo, aceitação da personalidade, identidade sexual, identidade vocacional e a busca de uma ideologia pessoal, que inclui seus próprios valores (identidade moral). O autoconhecimento não seria uma consequência inexorável do desenvolvimento, mas o produto de um processo ativo de busca, tornando necessário que o adolescente faça distinção entre quem ele/a realmente é e quem ele/a deseja ser, e se encarregue de suas potencialidades e suas limitações. Ele/a alcançará este objetivo depois de considerar as várias alternativas nos vários aspectos envolvidos na identidade e chegar a conclusões por si mesmo/a (GAETE, 2015). Portanto, é natural que as primeiras experiências com o uso de drogas aconteçam nessa faixa etária e junto com amigos/as próximos/as:

O hábito de fumar maconha dentro de um contexto social específico, com pessoas da mesma idade, numa relação de partilha da droga, (as chamadas rodas de fumo), pode

²¹Em linhas gerais a teoria Psicossocial do Desenvolvimento é uma teoria pós freudiana que valoriza o papel do meio social na formação da personalidade do indivíduo. Erikson criou oito estágios de desenvolvimento, que ele chamou de psicossociais, onde descreveu algumas crises pelas quais o ego passa, ao longo do ciclo vital, em que surgem as exigências do próprio ego do sujeito, mas também exigências do meio em que vive.

contribuir para um sentimento mútuo de aceitação e pertencimento. Dessa forma, a maconha desempenha a função de agente catalisador para a socialização e irá influenciar na formação da identidade social do adolescente. Identidade esta que se constrói a partir das relações que se estabelecem e dos hábitos que se compartilham (SPACH; VIECILI, 2017, p.20).

A vivência em grupos de pares constitui um dos elementos mais característicos da adolescência, significante da busca pela identificação, reconhecimento e identidade de si mesmo. Os adolescentes costumam se reunir em grupos que lhes traz um sentimento de senso comum, com o qual o indivíduo precisa identificar-se para poder participar e sentir-se seguro para o enfrentamento de conflitos (KLOSINSKI, 2006). As falas de algumas entrevistadas ilustram de fato esta identificação pelo grupo:

(No início) Era mais em eventos mesmo, com amigos, não necessariamente em festas, mas como a gente viajava muito e ficava muito tempo juntos era mais em situação com mais gente, não especificamente uma pessoa. Era em rodas mesmo aí todo mundo fumava... nessa época eu tinha 17 anos, era meio que ‘oba-oba’ mesmo, de conhecer as coisas da vida; tinha aquela coisinha de ser meio errado, era muito na inocência e experimentar mesmo (M5).

Comecei com 15 anos, no carnaval, de quando eu ia fazer de 14 para 15 anos, eu perguntei para um amigo que a gente estava hospedando como é que a gente fuma [...] Depois foi com grupos de amigos no interior, na década de 70, o bicho pegava, muito mais do que hoje em dia. Não era tão comum, mas eram grupos de pessoas, todo mundo jovem (M6).

As crenças que os jovens têm acerca do uso social das drogas, as representações sociais²² e o imaginário coletivo que eles constroem delas têm implicações diretas sobre a conduta deles, sendo modeladoras de atitudes favoráveis ou não ao uso de drogas. A crença de que ‘algumas drogas deveriam ser legalizadas’ apresentou-se com maior peso preditivo para usuários/as de maconha, provavelmente porque a *cannabis* é uma droga que se considera quase legal, devido a sua aceitação social. Ter amigo/ass consumidores têm um peso importante para quem experimenta as drogas: quanto mais amigos/as consumidores se tem, mais o jovem se identifica com as crenças acerca do uso social das drogas (TRUJILLO; MARTÍNEZ-GONZÁLEZ; VARGAS, 2013).

²²Representações sociais aqui são compreendidas como um conjunto ordenado de valores e crenças que permitem às pessoas a comunicarem-se e, assim, orientarem-se no contexto social ao qual pertencem, compreendendo suas ações, explicando e defendendo sua identidade. Para maior compreensão buscar: Moscovici, S. (1986). *Psicología social II. Pensamiento y vida social. Psicología social y problemas sociales*. Barcelona: Paidós.

O fato de ter amigos próximos que usam drogas representa influência para o uso, o que corrobora com os achados desta pesquisa, pois ficou evidente esse tipo de sociabilidade no contexto das primeiras experiências das mulheres com a maconha. O relato da maioria das entrevistadas sobre a frequência de uso no início, após experimentarem, era de usarem esporadicamente. Não era um uso cotidiano e rotineiro. No geral, estava relacionado a eventos sociais (festas, encontros sociais), conforme relatos acima, com exceção da entrevistada M7, que usava inicialmente junto com um amigo na busca de um estado mental para acessar a espiritualidade:

[...] A gente sentava e conversava de Deus, era essa onda, sobre as maravilhas do planeta, não tinha nenhum Deus específico, porque ambos vieram de religião cristã, a gente ia a igreja com nossas mães... [...] A gente era até bem consciente, ou não encontrava para comprar sempre, ou não tinha dinheiro... Vez ou outra a gente chamava outro amigo, mas nessa experiência assim ainda (M7).

Em todas as entrevistas houve relatos de crescente uso da maconha com o tempo e por motivos diversos, mas aspectos de sociabilidade apresentaram-se comuns, seja por envolvimento com relacionamentos amorosos (entrevistadas M1, M2, M4 e M8), proximidade com amigos correlacionada com a saída da casa dos pais ou quando os mesmos não estavam por perto (M5, M6, M7). Além destes, uma das mulheres (M3) relatou que o aumento do consumo teve uma relação com o papel de *Bad Girl*²³ que resolveu assumir para suportar sua estadia na nova escola. Ela não se adaptava à turma e não tinha amigos porque seu desempenho escolar era abaixo da maioria, sofria *bullying*²⁴ e não conseguia exercer um papel de liderança, nato de sua personalidade:

Uma das formas que eu encontrei para exercer minha liderança, da minha personalidade, e não ficar à margem, foi virar *Bad Girl*, então eu comecei a ser a bagunceira, a que respondia os professores, e com isso eu realmente comecei a ganhar fama, comecei a ter vários amigos, porque eu era a rebelde da sala. E esta coisa da rebeldia acabou me levando para as drogas. A princípio o objetivo da maconha, do cigarro, era para aparecer mesmo, mostrar rebeldia, mostrar transgressão e enfim. Mas aí juntou que meu irmão também fumava e aí foi uma coisa andando junto com a outra e eu fui levada para esse lado das drogas que fala da rebeldia (M3).

²³O termo *Bad Girl* é um termo em inglês usado como gíria para referenciar-se à garota rebelde, indisciplinada, que gosta de contrariar as convenções sociais.

²⁴*Bullying*, de acordo com a Lei nº 13.185 de 2015, é classificado como intimidação sistemática a outra pessoa, quando há violência física ou psicológica em atos de humilhação ou discriminação. A classificação também inclui ataques físicos, insultos, ameaças, comentários e apelidos pejorativos, entre outros.

No mote da construção da identidade os adolescentes tendem também a confrontar as regras sociais estabelecidas, como forma de testar os próprios limites. Afirmar que já não são crianças e que podem distinguir pessoalmente o ‘certo’ e o ‘errado’, que podem criar as próprias regras e questionar o que é normativo são características desta fase do desenvolvimento. No universo das interações dos adolescentes é comum a busca por assumir uma identidade própria por meio do rompimento com algumas regras sociais estabelecidas. A transgressão das regras também pode ser um fator motivacional para o primeiro uso de maconha (SPACH; VIECILI, 2017).

A entrevistada M4 traz um contraponto referente à inibição ao uso pela presença dos pais. Sua mãe é usuária há muitos anos e, em sua casa, sempre foi considerado natural fumar maconha. Interessante apontar que, por fazer parte do cotidiano dela, não houve curiosidade de experimentar a substância aos primeiros contatos com a droga em casa, não era significativa, pois não transgredia as regras. Fumar com os pais era permitido, mas ela escolheu fazer o primeiro uso com o namorado, talvez como uma forma de transgressão.

As razões pelas quais as pessoas usam drogas mudam ao entrarem na vida adulta, quando é comum reduzirem o consumo; os contextos de uso também se alteram de acordo com a transição dos papéis sociais assumidos por elas (PATRICK *et al.*, 2011). As razões para o uso, sejam subjetivas, coletivas ou sociais, modificam-se de acordo com o contexto vivenciado, com o que a pessoa estabelece como valor em sua vida e com os papéis assumidos ao longo do processo de amadurecimento e crescimento pessoal.

Percebe-se, a partir do relato das mulheres, que a maconha foi introduzida em suas vidas no viés das descobertas da adolescência, com um uso mais pontual e esporádico. Ao longo da adolescência a frequência aumentou, como representante de uma certa liberdade / uma libertação de regras antes impostas (principalmente pelos pais). Posteriormente, com o autoconhecimento, o tempo lhes trouxe a serenidade de controlar melhor o uso e direcionar para algumas situações e condições específicas, como veremos a seguir com os relatos do uso de forma mais consciente e objetiva.

3.1 Sociabilidade, relacionamentos afetivos e sexo com uso da maconha

Ao considerar que o uso inicial pelas mulheres entrevistadas se deu a partir de

contatos próximos a elas, percebe-se como o uso da maconha tem relação com a sociabilidade e com o contexto pessoal inserido em algum momento da vida das usuárias. Todas as entrevistadas citam momentos de divertimento e de estar com amigos/as como situações em que utilizam a *cannabis*, mesmo que não usem a substância em todos estes momentos. Este é um dos sentidos atribuídos ao uso, diferente do sentido que localizam quando o uso é em um contexto mais isolado, introspectivo, que será abordado posteriormente.

A entrevistada M1, que após engravidar e ter sua filha reduziu consideravelmente o consumo, cita as situações de divertimento com amigas como sendo os momentos principais que usa atualmente. Inclui-se aqui a saída da rotina de contextos de trabalho e de estudo em que há mulheres que fumam em momentos de confraternização. Este último ponto também foi abordado por M2, M3 e M6:

[...] uso mais para recreação, geralmente bebendo junto, em uma roda para conversar e trocar ideia [...] para dar uma desligada e sair um pouco da rotina (M1).

[...] sexta-feira vem uma amiga, aí vamos tomar uma cerveja. Aí ela vem e fuma. [...] tem o momento mais de socialização, junto com os amigos, aonde a gente tá, sempre tem um (baseado). [...] Aí é isso, a gente fuma, conversa, ri, uma coisa comum talvez, nossa, acho que seria isso (M2).

Então também acaba se tornando uma forma de entretenimento. Principalmente quando a gente está em grupo, quando vêm amigos. Por exemplo, aqui em casa tá todo mundo junto, a gente enrolando... muda o clima, meus amigos começam a 'dar pala' (...) Eles começam a 'dar pala'... é super divertido (M3).

[...] principalmente para sair com a turma (da faculdade), andar na cachoeira, eu prefiro (fumar maconha) (M6).

A maconha entra como um elemento de ligação entre as pessoas, na qual altera o estado de humor, traz prazer e suspende o peso da rotina diária. Nestes processos de sociabilidades supracitados a maconha se relaciona com o lazer como uma excitação agradável, que proporciona alívio e, por vezes, uma sensação de libertação das pressões derivadas do aumento das tensões provocadas pelo controle dos impulsos (ELIAS; DUNNING, 1985).

O efeito da *cannabis* potencializa a libertação das amarras pessoais em diversas situações. A entrevistada M8 usa para sair para dançar, ir a bares e fazer coisas que gosta com mais fluidez. O efeito da maconha a deixa extrovertida e desinibida. A desinibição estaria relacionada à despreocupação com o que as pessoas pensam a respeito do comportamento dela naquele momento; a autoriza a agir conforme seus desejos íntimos.

A maconha como elemento potente para um processo de divertimento e

entretenimento correlaciona-se também com a socialização em um contexto mais íntimo: “[...] quando eu encontro uma amiga minha, muitas vezes, a gente prefere ficar em casa fumando um, conversando sobre a vida, do que sair para balada, pra bar...” (M5).

A *cannabis* tem uma tradição de ser fumada em grupo, no viés da socialização, conforme ‘Gabriel, O Pensador’ descreve em sua música²⁵ em que o baseado é fumado em roda e passado a cada um presente no círculo, um momento ritualístico: “(...) Sente a marisia, marisia... / Acende, puxa, prende, passa”. A maconha não gera somente o efeito biológico/orgânico da substância no organismo, mas também efeito psicológico, subjetivo e contextual. Quando a maconha é utilizada em grupos, a tendência é de que as pessoas fiquem mais eufóricas, diferente de quando utilizam a planta sozinhas (SILVA *et al.*, 2018).

O uso da maconha nem sempre está associado a socialização. A entrevistada M6 fuma prioritariamente quando está sozinha. M3 usa em vários contextos como ‘tranquilizante’ que a possibilita vivenciar o dia-a-dia sem o obstáculo da ansiedade (conforme será apresentado no item 3.3). Portanto, a substância tem uma relação em todos os aspectos da vida dela, mesmo que indiretamente. Em momentos de socialização, M3 opta pelo uso de bebidas alcoólicas, apesar do uso da maconha perpassar toda a sua rotina.

Antigamente eu usava mais para uso recreativo, isso mudou depois de 40 anos para cá. Hoje em dia não saio mais, é mais raro eu sair. Pelo fato de eu estar morando sozinha, meu marido já morreu, minhas filhas já estarem casadas, então hoje eu uso mais para relaxamento, às vezes porque eu estou sozinha assistindo alguma coisa, por estar mais sozinha. Você vai fechando um tanto de coisas na sua vida, de etapas, e vai sobrando tempo para outras coisas. Eu acho que você fica mais contemplativo com a velhice (M6).

O álcool eu uso mesmo na rua, com as pessoas, eu não posso fazer isso com a maconha: usar na rua; mas beber eu posso. A bebida é bem social mesmo, meu socializador, a minha ferramenta para socializar. Bebo sozinha, bebo acompanhada (M3).

Palamar e colegas (2018) ao desenvolverem um estudo comparativo sobre o comportamento de pessoas após usarem álcool e maconha identificaram que, apesar de alguns participantes se sentirem mais desinibidos e conversados após o uso da maconha, o álcool tendia a tornar os participantes mais extrovertidos e sociáveis. Estes autores concluíram que, em geral, o uso de álcool - principalmente em grandes doses - costumava ser utilizado em situações sociais para facilitar a sociabilidade, como lubrificante social, e provocar relaxamento para conhecer pessoas novas. A maconha, no entanto, era frequentemente limitada a situações ou reuniões mais

²⁵Referência à música ‘Cachimbo da paz’ do artista Gabriel, O Pensador, de 1997.

familiares/íntimas - não a encontros com pessoas estranhas.

Outro aspecto conexo à socialização são os relacionamentos amorosos estabelecidos. As mulheres entrevistadas citam em diversos momentos o uso da maconha como elemento presente em tais contextos, até mesmo no primeiro momento de experiência com a droga. O fato de o namorado ser previamente usuário influenciou a entrevistada M4 a se interessar pelo uso também, apesar dela já ter tido contato com a *cannabis* no ambiente familiar. Este fato é corroborado pelas falas de M2, que apontou aumento da frequência do uso junto com o primeiro namorado, e de M1 e M8, que apontaram aumento do uso em relacionamentos estáveis e ficavam diariamente com os namorados, conforme ilustram os excertos abaixo:

A primeira vez que eu fumei na minha vida foi com uma pessoa que depois eu acabei namorando, acho que eu estava com 16 ou 17 anos. Foi a primeira vez que eu fumei, com essa pessoa que se tornou meu namorado, essa foi a primeira vez que a gente ficou. E ele era muito louco, fumava muita maconha. Foi um segundo contato que eu tive com uma pessoa fora da minha família que também fumava maconha. E aí eu finalmente comecei a fumar com ele, para a gente ter alguma coisa para fazer, alguma coisa em comum, eu tive essa vontade e aí foi um período que eu fumei pouco, eu fumava só com ele, de vez em quando, porque era uma coisa que tínhamos para fazer juntos, não virou uma prática que necessariamente me dava prazer, era uma coisa que fazíamos juntos (M4).

Eu tinha 18 anos e abri um barzinho com meu ex-namorado e eu lembro que a gente fumava, toda vez que fechava o bar. Acho que de 18 (anos) para cá pode considerar (que fumava) aí todo dia. Quando não era todo dia, era fim de semana, quando saía para encontrar os amigos, até porque morava com meus pais e isso nunca foi aberto, era mais na rua mesmo, de carro com ele, de carro com meus irmãos, era mais quando juntava turma (M2).

Engraçado que tem um pouco de associação com namoros [...]. Antes era mais com esse amigo, mas fumava também quando encontrava com um amigo ou outro. Aí eu passei a fazer uso diário com o namorado que eu tive, porque ele usava todos os dias. A gente morou junto e usava todos os dias, depois que chegava do trabalho. A gente terminou e aí eu usava mais eventual, assim como antes do namoro (M1).

Eu comecei a namorar com outro rapaz tem uns oito meses. Engraçado como que a *cannabis* entra muito nas minhas relações... aí a gente começou a usar juntos e começou a ficar quase que diário (M8).

O uso da *cannabis* para as mulheres não é sempre constante e crescente em termos de frequência e quantidade de uso. Foi identificado que as relações com os/as parceiros/as influenciam diretamente em tal periodicidade, conforme exemplifica M1: “[...] eu acho que parceiros ou parceiras são pessoas que tendem muita a influenciar o que você tá fazendo naquele momento da sua vida.”

Os comportamentos sofrem influências dos/as companheiros/as ao se considerar que são pessoas que dividem a vida juntas, decidem juntas o estilo de vida que terão e têm uma identificação uma com a outra que culminou em um relacionamento afetivo. As duas pessoas envolvidas se dispõem a experimentarem algo pertencente ao outro e, assim, moldam uma nova forma de estarem no mundo, tanto concretamente, em suas rotinas, como psicologicamente, a maneira de lerem a vida e de fazerem escolhas.

O fato da maconha ser uma substância de consumo ilegal parece também influenciar na relação das mulheres usarem mais quando estão em relacionamentos com homens. Quando estão em um relacionamento a maioria das mulheres consegue acesso à *cannabis* por meio do companheiro e associam a facilidade pela questão de gênero:

Eu tenho impressão que para homem é mais fácil, porque... eu já subi o morro uma vez para comprar [...] Aí eu entrei, comprei, foi super rápido, mas foi super marcante para mim. Eu cheguei em casa com a energia super baixa, eu falei com meu marido que eu nunca mais quero fazer isso, eu achei muito tenso, assim, entrar numa favela, comprar... tudo muito difícil, porque tudo por trás da droga é muito difícil. Quando o meu marido vai, para ele, sempre foi mais tranquilo (M4).

Para comprar eu morro de medo, tanto é que para comprar geralmente eu uso o vínculo que eu tenho com outra pessoa, alguém fala “eu vou comprar”, aí eu peço para pegar para mim, ou então eu tenho uma pessoa que converso pelo *Whatsapp* e que me entrega, que eu já tenho confiança, então... Mas eu não iria em um lugar específico que todo mundo compra para comprar e acho que esse medo é mais pelo fato de ser mulher mesmo, do que por ser só perigoso o lugar (M5).

A exposição que a mulher fica para comprar a maconha nos pontos de tráfico as inibem e, por vezes, impede que elas comprem a planta. No entanto, a inibição é, provavelmente, por uma construção cultural, de como são vistas as pessoas que realizam algum ato ilegal, e/ou pela cobrança de que a mulher deve manter uma postura ‘correta’ e recatada, pois não surgiu nos relatos uma justificativa sobre os motivos das mulheres serem mais vulneráveis que os homens no momento da compra da maconha diretamente nos pontos de tráfico. Outra justificativa possível é o receio das mulheres circularem sozinhas e sofrerem algum abuso, uma vez que é um temor que perpassa a realidade em vários contextos.

A associação da maconha com os relacionamentos amorosos pode ainda estar relacionada ao sentimento das pessoas perceberem-se mais atraentes sexualmente após o uso da droga. O ‘tabu’ ou a ‘proibição’ por ser um uso ilegal parece ter facilitado as interações sexuais com outro indivíduo em particular. No entanto, essa relação teve êxito somente quando os dois

indivíduos eram usuários (PALAMAR *et al.*, 2018). Em minha pesquisa as mulheres não explicitaram a especificidade deste fato acontecer; no entanto, em todos os relacionamentos que elas citaram haver associação do uso com o namoro, ambos eram usuários.

A entrevistada M5 relatou associação direta com a questão sexual, apesar de não usar a *cannabis* com este fim atualmente: “[...] a maconha me traz mais libido, mas como meu namorado não usa, muitas vezes eu não uso com ele com essa intenção, porque a gente fica em ondas diferentes.”

A relação da *cannabis* com o sexo e com o corpo é descrita por algumas mulheres; a planta parece potencializar algumas sensações, como nos falam as entrevistadas M1 e M8:

Quando eu comecei a namorar o outro também usava diariamente. Com os namorados [...] era uma coisa mais da rotina mesmo, de quando voltava do serviço, tomava banho, fumava para relaxar. Às vezes associado ao sexo (M1).

Eu tinha um namorado lá (em Portugal) e até a sexualidade foi totalmente ressignificada, porque a gente fumava e ia namorar, transar... Eu tive experiências transcendentais usando a planta e me reconectando com meu corpo, ver mais potência. [...] A primeira experiência que eu tive sexual com a *cannabis*, eu falo que foi o sexo da minha vida. Foi em Portugal, eu tive uma experiência quase espiritual, muito intensa, de ver mandalas, de ter experiência de chegar a pontos orgásticos que eu nunca tinha vivido aquilo na minha vida! A concentração da planta era maior, mais pura... eu tive experiências muito boas sexualmente com outras pessoas, em outros contextos, depois que eu voltei para o Brasil (M8).

Os achados da pesquisa corroboram com estudo desenvolvido por Palamar e colegas (2018) que descreveram as experiências sexuais dos/as usuários/as com a substância em termos de sensações; eles/as sentiam seus corpos mais sensíveis com o uso da maconha e mais relaxados após o sexo. Os autores destacam que, especificamente as mulheres, notaram a sensibilidade aumentada (ou mais ‘sintonizada’ com suas sensações), sentiam o toque melhor, ficavam mais à vontade, ou elas se experimentavam mais, fisicamente. Além disso, o efeito da *cannabis* traz o desejo e a desinibição para tentar novos comportamentos, mais criativos e mais emotivos no ato sexual.

Em estudo específico com mulheres, as participantes que usaram maconha antes do sexo relataram efeitos sexuais positivos relacionados à satisfação sexual geral, ao desejo, à redução da dor e a orgasmos mais satisfatórios (LYNN *et al.*, 2019). Mas a questão de como a maconha provoca mudanças positivas nas funções sexuais não é totalmente clara.

O fato da percepção do tempo ficar alterada com o efeito da *cannabis* é elemento a

ser considerado ao analisar a diferença da percepção da satisfação com o sexo sob efeito da droga. Sob tal efeito, o tempo percebido passa de forma mais lenta e, conseqüentemente, o sexo também é percebido como sendo mais prolongado e mais satisfatório. Alguns homens e mulheres relataram que seus orgasmos eram ampliados, mais longos ou mais intensos com a maconha (PALAMAR *et al.*, 2018).

As substâncias encontradas na maconha interagem com hormônios e neurotransmissores que afetam o comportamento sexual; no entanto, estas interações não são claras cientificamente. Além de tais interações neuroquímicas, da percepção alterada do tempo, de sentirem-se mais sensíveis fisicamente, de sentirem-se mais atraentes e mais livres em experimentarem novos comportamentos, os efeitos sexuais positivos também podem ter relação com a diminuição do estresse e da ansiedade causados pela *cannabis* (LYNN *et al.*, 2019).

Com o passar do tempo, com o amadurecimento pessoal e maior conhecimento do próprio corpo e do efeito da maconha as mulheres relataram como conseguem usar a droga a partir da sensação que ela promove, de acordo com o que desejam:

Passar para a maconha, a partir do momento que eu consegui lidar com os efeitos, saber como funcionam os efeitos e como era o limite dela... Foi muito bom para mim! (M4).

O outro namorado, de quando eu voltei para o Brasil, eu via que a gente tinha uma relação sexual com a planta, usava bastante para transar, para se conectar... tivemos muitas experiências interessantes em relação a isso, essa conexão. (...) Acho que hoje eu não associo mais tão diretamente o sexo com a *cannabis*, mas tem uma relação, sensibiliza mesmo, acho que é uma liberdade do corpo, você fica mais leve, mais sensível, mais acolhida, me sinto mais livre para ser eu hoje (M8).

O uso da maconha está muito presente no aspecto da sociabilidade das mulheres da pesquisa. O uso perpassa as relações de amizades como elemento de lubrificante social, de liberação de pressões e amarras sociais, que traz leveza e divertimento. A tradição de se fumar em grupo também se faz presente nos momentos de confraternização. Além das relações de amizades, várias mulheres também trouxeram relatos de como a *cannabis* atravessa as relações amorosas, principalmente quando ambos os envolvidos no relacionamento são usuários. Neste caso, identificamos como os efeitos da maconha são positivos para as mulheres alcançarem prazer e satisfação com a relação e com o sexo.

3.2 Relaxamento e descanso

A hipótese principal prevista como resultado da pesquisa era justamente que a maconha teria relação direta com a busca e sensações de relaxamento e descanso das obrigações diárias das mulheres entrevistadas, o que se confirmou após a coleta dos dados. Todas as entrevistadas fizeram alusão à conquista de um estado de bem-estar, referindo-se à liberação das atividades obrigatórias de trabalho e tarefas domésticas, de cumprimento de horários. As entrevistadas relataram como o uso da maconha estaria relacionado ao descanso e ao desligamento da rotina, quando questionadas sobre a função desta substância na vida delas:

Nas situações em casa era como descanso, relaxar... (M1).

Relaxamento, bem-estar, sei lá no final do dia senta... relaxamento mesmo (M2).

Eu acho que é uma coisa que me faz sentir bem, mais bem que fumar cigarro, eu sinto um bem-estar maior, um relaxamento maior (M4).

[...] uma coisa você usar alguma coisa para relaxar, porque eu sempre tive muita energia, então eu usava para relaxar... até hoje para relaxar, desde o início. Era recreativo, mas relaxante (M6).

Eu estou utilizando só depois que eu terminei de fazer tudo o que eu tinha que fazer, normalmente no final do dia, para ir dormir, alguma coisa... ou final de semana que eu posso usar o óleo (extraído da *cannabis*) e ficar um tempo maior de boa (M8).

O efeito de relaxamento, para estas mulheres, representa um contraponto às atividades consideradas obrigatórias, é uma maneira de conseguirem atingir um estado mental difícil de ser alcançado diante de todas as pressões e multitarefas existentes na vida da mulher contemporânea:

Nos períodos que eu morei sozinha antes de ter minha filha, quando eu tava solteira, uma das coisas que eu fazia que eu mais amava era isso, ficar em casa, sozinha, ou de fumar e ficar só eu, sozinha... era o momento que eu me curtia, assim. Ainda gosto, mas aí não consigo tirar tudo da cabeça, fico pensando, pensando, pensando... e aí a maconha dá uma relaxada, curtir só o momento (M1).

[...] pensando bem a época que eu mais fumava era a época que eu me sentia mais sobrecarregada de trabalho. Talvez fosse uma necessidade de dar uma liberada da pressão, de ansiedade... (M5).

Spach e Viecili (2017) encontraram relatos de como a maconha aparece como um instrumento de relaxamento e de diminuição de estresse para usuários universitários. É comum que as pessoas, quando fazem o uso da *cannabis* de forma individual, tenham uma tendência de

sentirem sensações de sonolência e relaxamento, diferente de quando a maconha é utilizada em grupo, conforme citado no item 3.1 (SILVA *et al.*, 2018).

Diante da inferência do contraponto com as obrigações diárias, as mulheres vinculam ao lazer o momento em que usam maconha para relaxar e descansar: “Com certeza tem relação (com o lazer), porque me relaxa, é o meu relaxante natural. [...] Lazer para mim é ter paz, ficar tranquila, poder conversar, estar bem” (M3). Tal achado é condizente com os dados da pesquisa *O lazer do brasileiro*, analisado por Bonalume e Isayama (2018), em que as mulheres brasileiras associaram o entendimento de lazer com o descanso, como segunda associação, após o entendimento do lazer como divertimento. O aumento da idade, e com ela as responsabilidades que vão se acumulando em determinadas fases da vida da mulher, interferem na maneira de perceber o lazer; para as mulheres mais jovens a diversão tem mais importância e o descanso menos, entre as adultas e idosas esta disparidade é menor.

A entrevistada M1 também identifica o lazer com o relaxamento, principalmente depois de ser mãe, corroborado por outras falas, conforme os excertos abaixo:

Acho que o lazer é alguma coisa que consegue tirar um pouco deste lugar (de rotina estabelecida, com regras e horários), fazer outras coisas que você realmente está com vontade naquela hora. Ultimamente lazer para mim é não fazer nada, para dar uma desligada e sair um pouco da rotina (M1).

[...] lazer é muito importante até para a gente poder sair da pressão da vida, das coisas, relaxar. Lazer é isso: relaxar, desligar um pouco dos compromissos, do dia a dia, das coisas do dia a dia (M2).

Lazer é tudo que você faz voltado a um refúgio da sua rotina, das suas obrigações. Então entendo que lazer é algo que você faz para se sentir bem. Uma atividade que você escolhe estar fazendo para aproveitar para descansar, para poder refugiar mesmo da rotina, de obrigações de trabalho (M5).

Eu diria que lazer é tudo aquilo que te faz relaxar, descansar, sair do seu cotidiano. [...] Lazer para mim hoje em dia tem sido ficar no lugar que eu quero ficar, sem ficar no lugar onde estejam exigindo que eu esteja (M6).

Nos relatos apresentados, percebe-se que as mulheres consideram lazer algo realizado em oposição ao trabalho capitalista e às obrigações, significados semelhantes ao conceito mais tradicional deste fenômeno. O lazer como uso do ‘tempo livre’, oposto às obrigações profissionais, familiares e sociais, onde o sujeito tem livre escolha, em caráter desinteressado, faz alusão ao conceito construído por Dumazedier (1976), um dos autores pioneiros dos Estudos do Lazer que teve grande influência na área no país. Esta noção conceitual foi construída no

Ocidente, ao longo do século XX, condicionando a existência do lazer ao trabalho e à fragmentação do tempo e do espaço (GOMES, 2014).

A percepção das mulheres exemplifica como este conceito ainda é muito presente nos dias atuais diante o peso que o trabalho formal, voltado para a produtividade material, tem no nosso cotidiano. A pressão para que o sujeito esteja sempre produzindo, de forma capitalista, para o mercado, traça uma dicotomia entre as tarefas de trabalho e de lazer que influencia a percepção que temos sobre a divisão de tempo e de espaço de cada um destes processos.

O lazer com referência ao descanso das obrigações também é citado por Elias e Dunning (1985) como uma forma de se libertar das tensões; seria uma ferramenta útil para quebrar a rotina e fornecer prazer.

As entrevistadas M3 e M4 extrapolam a reflexão acima sobre o que significa o lazer; trazem algo próximo a conceitos mais atualizados que vai além das ações que representam apenas uma antítese ao trabalho:

[...] no frigidar dos ovos, lazer para mim é conhecer coisas novas, tanto gente, como história, ou lugar... é conhecer coisas novas, para mim é muito divertido (M3).

Toda vez que eu entro em contato com algum tipo de manifestação cultural eu estou em lazer, de alguma maneira, porque para mim o que desperta o meu interesse e o meu prazer, o meu gozo, de viver de passar meu tempo é estar envolvida em atividades culturais [...] Eu acho que lazer não é só ficar confortável, acho que lazer tem a ver com curtir, mas também com aprender alguma coisa no caminho. Tirar alguma coisa disso. Eu prefiro as coisas que me fazem pensar (M4).

Estas mulheres são atrizes e trabalham com arte, o que traz uma sensibilidade e uma visão voltada para o aspecto cultural mais presente em suas vidas. O lazer em um conceito contemporâneo inclui uma prática social complexa que abarca uma multiplicidade de vivências culturais, a partir das necessidades humanas, que ocorrem em contextos que relacionam diversas dimensões da vida social (GOMES, 2014). As outras mulheres também fizeram alusão ao lazer como necessidade, quando citam a importância dos momentos para decompressão das obrigações; no entanto, a relação com a cultura foi citada somente por M3 e M4.

As relações do lazer com o aspecto cultural não excluem a análise do fenômeno junto ao trabalho e às demais obrigações. Há uma relação entre estas dimensões: o lazer como descanso e fuga do trabalho imposto e repetitivo, mas também o lazer como espaço de criação e autonomia. No entanto, o lazer também faz parte do sistema capitalista e está imerso nas regras e

normativas sociais, o que nos faz pensar que não há totalmente, genuinamente, uma livre escolha em relação ao que fazer e quando. Nossas escolhas são frutos de nossa vivência, de nossa história e do contexto sociocultural que vivemos.

Pelo relato das entrevistadas o uso da maconha parece trazer um sentimento de liberdade e de auto conexão que possibilita às mulheres vivenciarem de forma mais legítima o relaxamento e o lazer. Em acordo com Gomes (2014), o lazer pode e deve dialogar com o trabalho, sem excluir outros fenômenos sociais. Sob o efeito da *cannabis* as mulheres alcançam um estado de descompressão mental necessário para manterem-se ativas e seguirem com as responsabilidades cotidianas:

[...] Eu gosto de como eu fico depois que eu fumo maconha porque eu sinto que eu fico mais leve e, por incrível que pareça, eu consigo resolver as coisas de uma forma muito melhor, mais calma e clara. [...] Engraçado que eu acho que a maconha me faz olhar para mim melhor. Ter calma, porque meu cérebro é muito rápido, eu sou muito acelerada, então eu sinto que me dá um lugar para parar e pensar, que antes eu não tinha (M4).

Mas eu vejo que acaba que, mais que pelo uso recreativo, são como muletas para você não entrar na pressão das coisas. A maconha entra nesse sentido também, às vezes, relaxa (M7).

Acho que o lazer vai no lugar de você fazer o que você gosta sem a preocupação e a responsabilidade muito fechada, sem obrigação de nada. E dentro desses espaços de lazer, geralmente, eu utilizo a *cannabis* para tentar sair um pouco desse modo de controle, porque eu sinto que o controle é uma coisa vigilante na minha vida, sou uma pessoa controladora dos meus passos (M8).

Ao relato da entrevistada M8 percebemos que a maconha para ela é uma forma de tentar sair do sistema de controle, pois o sistema capitalista controla sua rotina, restringe seus impulsos libidinais e reduz seu poder criativo. A maconha, aqui, seria um facilitador na busca de uma nova dimensão de existência para ela, livre das imposições sociais.

A entrevistada M4 faz uso frequente da maconha e, com o tempo de uso e o amadurecimento pessoal, conseguiu mediar a quantidade sem que isso prejudique suas obrigações:

Tem a questão do relaxamento e desacelerar, mas tem também a parte social, porque eu também fumo cigarro de palha... Passar para a maconha, a partir do momento que eu consegui lidar com os efeitos, saber como funciona os efeitos e como era o limite dela... Foi muito bom para mim porque eu comecei a entender, por exemplo, que se eu for trabalhar, não posso fumar um monte e dar uma aula, mas geralmente eu fumo um pouquinho e vou dar uma aula, e dou uma aula boa! (M4).

Na investigação da pesquisa, os dados revelaram que as mulheres fazem uma associação com o uso da *cannabis* para relaxamento, tanto relacionado ao estresse do trabalho, como das demais obrigações diárias (domésticas, sociais e das próprias pressões pessoais). Além da relação com o relaxamento, a maconha também apresenta-se como elemento de referência ao lazer, uma vez que elas acreditam que o lazer é aquilo que escolhem fazer fora do tempo das obrigações. Nestes momentos, a maconha possibilita que as mulheres relaxem e saiam da rotina, enquanto que em momentos de trabalho a planta traz uma tranquilidade mental, além de auxiliar na criatividade e na capacidade de resolução de problemas, como será descrito no item 3.4.

3.3 Calmante e ‘medicamento’

O sentido atribuído ao relaxamento sob efeito da *cannabis*, conforme descrito no item 3.2, está associado a atividades e tarefas concretas do dia-a-dia, à rotina que sobrecarrega física e mentalmente as mulheres com suas demandas e compromissos. No entanto, surgiu nos relatos também uma referência ao uso da maconha como algo para além do descanso da rotina, um sentido mais relacionado à busca por uma tranquilidade para algo intrínseco a elas, para alguma desordem interna. Por isso, optei por desenvolver uma categoria de análise separada.

A busca pelo efeito de relaxamento, em alguns relatos, fez referência a algo além de uma simples forma de desfazer tensões. Algumas mulheres usam a maconha como ‘calmante’, praticamente como ansiolítico para lidar com a ansiedade intensa:

Porque eu não considero que a maconha é uma droga, porque eu já experimentei quase todas que existem, pra mim maconha não é droga, é um remédio, é um calmante natural tipo camomila, erva-doce, chá de cidreira. [...] Uma das sequelas da minha vida desregrada é esse vício e eu pretendo manter, porque eu sou muito ansiosa... a falta do cigarro, da própria cocaína e do álcool, que futuramente eu vou diminuir... eu vou precisar de alguma coisa, se não for maconha vai ser o quê? Remédio controlado! E eu não gosto de remédio controlado, eu prefiro coisas naturais, comidinha, alho, tudo que tiver de natural. E aí, por conta disso, para amenizar a minha ansiedade por causa da falta de cocaína, eu uso maconha, como calmante (M3).

E parece que me dá essa tranquilidade física e mental que está permitindo eu correr atrás de umas coisas que eu não sei se eu conseguiria se eu não tivesse isso, porque, querendo ou não, se tornou uma válvula de escape para mim, para poder conseguir encontrar um lugar (M4).

Você pensa mais e ao pensar mais o uso te ajuda de alguma forma, para aprofundar nesses pensamentos e até para me acalmar mais, eu sou muito ansiosa (M7).

As mulheres que usam a maconha para lidar com a ansiedade - M3, M4 e M7 - fazem uso constante, diário, como parte do cotidiano, a exemplo da fala da entrevistada M3 que associa toda a sua rotina ao uso. Ela percebe como algo necessário para manter-se ativa:

Então eu preciso fumar para ficar bem, igual todos os seres normais, trabalhar, viver, conversar... [...] É como se fosse um remedinho mesmo: para sair de casa eu tenho que fumar um, quando eu chego em casa eu tenho que fumar outro. Se eu não fumar, eu vou ficar muito nervosa²⁶ (M3).

Alguns estudos de revisão referem que a maconha pode desencadear a ansiedade em algumas pessoas, aumentar a irritabilidade e ser prejudicial neste sentido (GONÇALVES; SCHLICHTING, 2014; SILVA *et al.*, 2018). Não é o que aparece no discurso das mulheres da pesquisa. Estas diferenças podem estar relacionadas à quantidade da droga consumida, à frequência de uso, à personalidade de cada usuário/a e/ou ao contexto utilizado. Tais diferenças apontam para a importância de desenvolvimento de mais estudos sobre os sentidos e efeitos do uso da *cannabis* em populações e contextos específicos. Importante lembrar que as mulheres entrevistadas já têm um tempo longo de uso da maconha e um autoconhecimento incorporado que permitem a elas mediar o uso conscientemente. Ressalto ainda que o objetivo aqui é considerar a percepção subjetiva delas em relação ao próprio uso da maconha, qual o significado que elas atribuem ao uso da planta em suas vidas.

Análogo à busca por reduzir a ansiedade, o uso como ‘remédio’ também foi relatado para amenizar sentimentos depressivos:

Mas isso porque acaba e você quer mais (referindo-se ao motivo porque a cocaína e o crack matam), porque volta o ‘buraco’, como se preenchesse um buraco que tivesse aqui dentro. Eu ainda tenho esse buraco. Meu buraco é muito grande. Mas hoje tá controlado, porque eu só preciso da maconha e do álcool (M3).

[...] mas também ajuda muito, eu acho, para lidar com as coisas. Eu tive depressão no início deste ano e eu sinto que me ajudou, desde que eu comecei a fumar maconha eu sinto que eu me tornei uma pessoa mais tranquila (M4).

Alguns estudos fazem referências aos possíveis efeitos benéficos do uso da *cannabis* para combater a depressão (GONÇALVES e SCHLICHTING, 2014; FORTUNA, TIYO e FREITAS, 2017; SILVA *et al.*, 2018). No entanto, os estudos não confirmam efetivamente tal relação e não aprofundam no mecanismo como este efeito é produzido. Para a minha pesquisa é

²⁶ Não entrarei no mérito clínico da classificação do padrão de uso da droga X dependência, pois este não é o foco da pesquisa. Considerei para entrevistas as mulheres que se autodeclararam fazer uso recreativo da maconha, conforme descrito no processo metodológico.

relevante saber que as mulheres sentem esta diferença e que, de fato, existem estudos que descrevem outros achados semelhantes sobre a ação da maconha nesta condição. Estudos brasileiros são ainda mais raros pelo fato da maconha não ser legalizada até período recente. A ilegalidade dificulta o acesso às pessoas usuárias e a substâncias de qualidade. Por ser uma droga ilegal, não conseguimos afirmar quais substâncias estão presentes e quais os efeitos de cada composto, o que impossibilita uma análise fidedigna dos efeitos farmacológicos na situação atual.

Outra peculiaridade a ser considerada na análise referente ao efeito da maconha na depressão é o fato desta doença não ser de causa puramente biológica. Aspectos psicossociais atravessam o quadro depressivo, influenciando em seu desencadeamento e em sua evolução. Portanto, não é somente o aspecto farmacológico/neuroquímico que interfere na melhora ou piora do quadro.

O terceiro sentido atribuído ao uso da maconha como ‘medicamento’ foi citado por M7 como um alívio para questões físicas do corpo, a busca de um efeito para amenizar um sofrimento físico:

[...] eu uso para relaxamento, principalmente, para dor, para artrose, artrite... eu tenho os dois. [...] Eu tenho fibromialgia e às vezes sinto muitas dores no corpo, então eu uso bem mais para relaxar (M7).

Estudos revelam redução de dores neuropáticas com o uso da *cannabis* (GONÇALVES e SCHLICHTING, 2014; FORTUNA, TIYO e FREITAS, 2017; SILVA *et al.*, 2018). Estas pesquisas apresentam um avanço em relação àquelas voltadas para a ansiedade e depressão pelo fato das dores estarem relacionadas a condições exclusivamente biológicas. Não irei aprofundar neste viés, pois somente uma entrevistada citou o uso com esta finalidade, sem aprofundar seu relato neste tópico, além do objetivo principal do trabalho ser analisar as relações da maconha com o lazer e com o feminino. A única entrevistada a fazer referência ao uso desta forma foi a mulher mais velha da amostra e a única com doença crônica, o que pode justificar o uso da *cannabis* com finalidade medicinal.

Os estudos sobre o uso medicinal da *cannabis*, na área biomédica, tem tendência a se expandirem diante a nova resolução da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) que aprovou em 2019 novo regulamento para o uso de produtos à base da droga para fins medicinais, conforme relatado na introdução deste trabalho. Espera-se que, a partir de tal regulação, a maconha ocupe um lugar de menos preconceito e estigma para que tenhamos acesso aos seus

benefícios de maneira comprovada e mais assertiva.

O sentido atribuído ao uso da maconha como um suporte para algo intrínseco a estas mulheres, de uma ansiedade basal, de sintomas depressivos e de dores físicas têm relação com todo o contexto de vida de cada uma. Esta categoria de sentido se fez necessária para destacar a importância da *cannabis* na rotina destas mulheres, incluindo aqui a presença dela no lazer, uma vez que as entrevistadas citadas aqui - M3, M4 e M7 - usam a maconha em todas as situações de suas vidas. Uma vez que a ansiedade, a depressão e as dores corporais trazem prejuízos funcionais em suas rotinas, o efeito relatado da maconha as auxiliam muito a desfrutarem da vida de uma maneira mais tranquila.

3.4 Autoconhecimento, afirmação de identidade e criatividade

O quarto sentido atribuído ao uso maconha pelas mulheres relaciona-se ao uso da planta para autoconhecimento. Desde a adolescência e fase de vivência em grupos o uso da maconha representa uma busca de algo de si que as localizem na sociedade como seres individuais, cidadãos com direito de escolhas e que assumem o próprio gozo da vida.

O autoconhecimento nos relatos fazem referência à busca do próprio conhecimento psíquico, do que são as prioridades de vida delas e do funcionamento do próprio corpo:

Tem um pouco de identidade eu acho, porque, assim, a maconha faz da minha mãe o que ela é (mãe também é usuária), muito, porque ela também é uma pessoa muito acelerada [...] Para mim é muito cotidiano, que se tornou uma coisa muito cotidiana, faz parte do meu relacionamento, faz parte da nossa casa, faz parte da construção nossa diária e dos nossos afazeres (M4).

Como se fosse uma forma de resgate, acho que de todas as coisas. Ela (a maconha) acaba tendo o sentido de uma forma de resgate positivo. No sentido de autoconhecimento (M7).

Então achei na *cannabis* um lugar que me deixava muito sensível ao mundo e me deixava mais aberta, acho que eu conseguia me pertencer mais, de espontaneidade, de me sentir mais eu, ser mais espontânea. [...] a minha relação com as plantas de poder²⁷ mudou drasticamente, porque eu sinto que foi muito elas que me ajudaram a me retornar em mim, uma força pessoal. [...] Foram momentos de uma conexão muito intensa com o meu feminino, aonde inclusive eu canalizei muitos trabalhos, eu faço trabalho com mulheres hoje em dia. [...] E aí consumindo uma planta muito boa, que tinha um efeito psicoativo bem forte, que significou muitas coisas, com relação ao meu corpo, com

²⁷A entrevistada refere-se às 'Plantas de poder' aqui como algumas plantas usadas em cerimônias e rituais místico-religiosas. Os participantes dos rituais dizem que tais plantas são capazes de ensinar ao homem o caminho de contato com os deuses, sabedoria e conhecimentos que moram além (ou dentro) da realidade palpável ou que podem trazer a cura de diversos males físicos, mentais e espirituais.

relação às minhas relações. [...] Eu tive experiência transcendentais usando a planta e me reconectando com meu corpo, ver mais potência (M8).

A partir do autoconhecimento adquirido, outro estímulo que a maconha proporciona às mulheres é a potencialização de habilidades próprias delas, mas que, por alguma razão, possam estar inertes. Algumas manifestações citadas foram que a *cannabis* proporciona expansão da criatividade e a ampliação de pensamentos:

E aí nessa época eu comecei a gostar (de fumar maconha), porque a gente conversava sobre assuntos muito profundos e aí eu sentia que a cabeça levava a gente em assuntos mais profundos, você consegue acessar mais coisas, parece. [...] E hoje, vez ou outra, eu fumo, às vezes quando estou ‘presa’, quando estou com alguma ideia na cabeça precisando de expressão, precisando de desenvolver alguma coisa que eu estou pensando e está travada, às vezes eu fumo também e aí vem algumas ideias, até para algumas questões profissionais mesmo, para eu conseguir expandir um pouco. [...] Eu entendo que o efeito da maconha dá mais profundidade para os pensamentos, então, por exemplo, eu gosto de escrever alguns textos de coisas que eu tenho pensado sobre a vida e aí, quando eu fumo, eu sinto que aquele pensamento se potencializa, como se eu conseguisse entender melhor as ideias sobre aquilo que eu tô pensando... é bem nesse sentido mesmo. [...] é como se fosse uma forma de liberar o pensamento que está dentro de mim e que eu preciso externalizar (M5).

Você pensa mais e ao pensar mais o uso te ajuda de alguma forma, para aprofundar nesses pensamentos e até para me acalmar mais, eu sou muito ansiosa (M6).

[...] no sentido de admiração, ajuda a gente a ter uma percepção mais bela das coisas (M7).

Principalmente no corpo, de conseguir atingir espaços de pensamento, de ativação mental, de potências sensitivas, que me chamaram muita atenção, que até então não era realidade para mim. [...] E aí comecei a ter essa consciência desse poder criativo e do poder da planta mesmo. [...] Foi quando eu comecei a sistematizar rituais pessoais, rituais sozinha de criação. Tomava o óleo (extraído da *cannabis*) e fazia toda uma bruxaria assim, sentava, colocava os meus livros, colocava umas cartas, um tarô, colocava um caderninho branco e deixava a criatividade fluir. [...] Ou às vezes com uma amiga, a gente se reunia para fazer pesquisa juntas. Ela é da área do corpo, eu da área da voz, então às vezes a gente usava e ficava fazendo pesquisa, pesquisas práticas. Ou ficávamos conversando horas sobre o feminino, conversas muito densas, muito profundas, porque ela (a maconha) afeta os lugares de profundidade, de reflexão (M8).

A expansão e aprofundamento de pensamentos é desejosa, de acordo com o relato delas, tanto em questões relacionadas ao trabalho como para questões pessoais, mais introspectivas, de reflexões sobre si e sobre a vida. Spach e Viecili (2017) relatam que a função da maconha, em alguns casos, está muito relacionada com a necessidade de explorar alternativas para a própria percepção e, por conseguinte, transformar a maneira de ver e interpretar o mundo. Estes autores compreendem que esta substância tem o poder de modificar a consciência e ampliar os limites que não são normalmente acessíveis em outras condições.

Apesar do relato das mulheres entrevistadas não serem de fumarem maconha sozinhas, exclusivamente, o sentido atribuído para o uso é muito semelhante ao descrito abaixo:

A maioria das vezes a maconha é fumada de forma solitária, por apresentar uma reflexão, onde essa pessoa vai buscar uma motivação em si mesmo em forma de pensamentos. Muitos músicos utilizam para buscar inspirações no momento da composição e não podemos esquecer alguns filósofos e sábios que além de outras drogas ilícitas, fumavam a *Cannabis Sativa* sabendo de todos os riscos. Os prazeres físicos que envolvem os sentidos, como a dança, ouvir músicas e assistir a filmes, também são realçados pelo uso da *Cannabis Sativa* (GONÇALVES; SCHLICHTING, 2014, p. 96).

Assim, a maconha, nestas situações, seria o instrumento para alcançar diferentes estados desejados pelos indivíduos que as consomem; estados como de criatividade, para liberar a imaginação e estimular novos horizontes (SPACH; VIECILI, 2017). Seria um instrumento potencializador de algo que já está presente; um facilitador para aflorar habilidades inativas ou represadas.

A partir de uma conexão consigo mesma, aquelas mulheres mais místicas e espiritualizadas referem como a planta facilita e otimiza a conexão também com seres divinos e espirituais:

[...] Aí (com 13 anos) eu fui ler o Kebra Nagast²⁸, que é como se fosse a Bíblia Rasta, e aí tem toda uma filosofia que não tem nada a ver com uso de substância, mas quem segue a ideologia faz o uso para uma conexão com o divino. Achei aquilo esplendoroso! [...] A gente sentava e conversava de Deus, era essa onda, sobre as maravilhas do planeta, não tinha nenhum deus específico (no início do uso da maconha na vida) [...] E aí a gente tentava sair um pouco dessa ideia ocidental de Deus. Então a gente tentava ver dentro da natureza, era uma viagem meio pequena, mas muito linda! [...] hoje a gente consegue perpassar por todas as áreas: o trabalho, a questão recreativa, quando eu vou acender alguma oração (M7).

[...] foi tudo quase que na mesma época: eu terminei o namoro, comecei a frequentar o Santo Daime e aí teve uma outra consciência a utilização dos psicoativos, porque eu comecei a utilizar na Medicina Sagrada²⁹, para ele tem uma conotação Sagrada. [...] Achei interessante o tema da pesquisa porque eu acho a *cannabis* uma planta extremamente feminina... a gente chama até de Santa Maria dentro desse espaço que a gente cultua. E eu sinto mesmo uma força de uma grande mãe assim, porque ela me acolhe, uma criatividade. [...] E dentro desse espaço, o que é um espaço eclético, tem várias cultuações, não tem uma cultuação específica, apesar de ser Umbanda e Santo Daime, eles são muito ecléticos na visão, até na utilização da *cannabis* eles consideram

28O Kebra Nagast é considerado a bíblia da doutrina Rastafari. O nome é um termo que em Geês, idioma litúrgico da Etiópia no qual foi escrito, significa “Glória dos Reis”. É baseado na história dos hebreus da Etiópia antiga; tornou-se símbolo da divina autoridade que regeu inúmeros reis descendente de Salomão, filho de Davi. Uma das versões em PDF do livro em inglês pode ser acessada pelo link: http://www.yorku.ca/inpar/kebra_budge.pdf

29A Medicina Sagrada, em termos gerais, contempla rituais de origem indígena, nos quais são utilizadas plantas e substâncias naturais para realizarem tratamentos espirituais e do corpo, além de promover uma conexão com divindades.

uma relação sagrada também. E aí que eu comecei a significar a minha utilização da maconha, que eu comecei a levar de uma forma muito mais respeitosa com a planta. [...] As plantas de poder que são várias e diversas, eu comecei a me sentir mais segura para utilizar e confiando mesmo que aquela planta me conectava, me conecta com uma essência muito divinal. [...] Hoje eu tenho uma relação mais sagrada com a planta, de entender o que é uma planta de poder, ter uma consciência maior desta utilização (M8).

A proximidade com o universo espiritual é uma característica já presente nestas mulheres e a maconha possibilita uma intensificação do estado místico, de tal conexão. Para ter o efeito neste sentido, a mulher geralmente usa já com o foco voltado para este objetivo, em um contexto de ritualização que possibilita as relações divinais. O registro do uso da maconha com fins espirituais é remotamente histórico. A *cannabis* convive com a espécie humana há mais de 10.000 anos e, provavelmente, esta foi a primeira planta a ser cultivada para fins não-alimentícios pelo ser humano. O mais antigo indício do uso do cânhamo³⁰ para fins espirituais é da Índia, datado de cerca de 1400 a.C.; em 1300 a.C. o uso da *cannabis* por prazer ou para fins religiosos já era bastante comum (ROBINSON, 1999).

A relação destas mulheres com a maconha é uma relação de proximidade; elas construíram uma intimidade com a planta que possibilita, muitas vezes, alcançarem um patamar psíquico além do que a consciência permite nas condições das regras normativas colocadas. A partir desta relação estabelecida, elas têm *insights* que proporcionam uma clareza de ideias que potencializa o autoconhecimento e subsidia suas escolhas e ações.

Comecei a perceber questões do meu feminino ferido, por várias questões de vida, desde as minhas relações familiares até as minhas relações com os homens que eu me relacionei e o quanto esses espaços são impregnados; e a *cannabis* foi um espaço de libertação pessoal, porque acessava uma sensibilidade no meu corpo que eu fui ficando contida a medida que o tempo ia passando... ‘Ah! Porque eu não podia fazer isso porque era mulher, não podia fazer isso porque era vulgar...’ tinha um inconsciente que ficava falando que me representava e parece que não era certo, a forma como eu era. E utilizar a *cannabis* me fez libertar o meu corpo para dançar, libertar meu corpo para criar, libertar o meu corpo para escrever, para materializar planos (M8).

Corroborando com os achados de pesquisa já citados anteriormente, a representação da maconha surge novamente como um significante de libertação das amarras sociais e de auto aceitação. A libertação do corpo feminino e a apropriação deste corpo pela própria mulher torna-se premente na atualidade diante do histórico de cerceamentos que a mulher vivenciou até então.

As entrevistadas trazem a maconha como instrumento potente para alcançarem a mudança de perspectiva necessária para que a mulher tenha mais autonomia e visibilidade.

30 Cânhamo é a planta, o arbusto, da qual a maconha é extraída.

Libertas de algumas amarras, elas se encorajam para se fazerem presentes no discurso coletivo de reafirmação do espaço que ocupam.

O uso da maconha relacionado ao autoconhecimento e à reafirmação de si no espaço social é representado em vários momentos pela militância das questões que envolvem a droga, algo que já é parte da rotina dessas mulheres e de suas identidades:

Mas agora a maconha me dá um lugar, é uma militância para mim, é uma coisa que hoje em dia faz parte da minha vida, faz parte da minha rotina, faz parte de alguns dos programas que a gente tem (M4).

O uso tem um sentido coletivo, no sentido político, quando eu vou para Marcha por exemplo.... Na Marcha da maconha que eu acho lindo! (M6).

A militância traz em si o discurso da luta antiproibicionista e pela legalização da maconha. Algumas das entrevistadas trouxeram em seus relatos a preocupação com o envolvimento em algo ilegal, como se ‘alimentassem’ o tráfico, fazendo uma reflexão de como neste âmbito os principais prejudicados e punidos pela ilegalidade do comércio e do consumo da *cannabis* são os negros e os pobres:

O que eu acho foda de pensar é na questão do tráfico em si, eu acho foda, porque tem muitas coisas erradas que eu não aprovo dentro do processo do tráfico, mas que eu consumindo eu tô endossando de uma certa forma. Trabalho infantil, violência, direitos violados dos jovens e adolescentes... a violência toda do negócio, porque é proibido. Eu acho que se fosse legalizado seria muito mais tranquilo nesse sentido. Eu não fico confortável com essa questão não. De imaginar que tem criança e adolescente se fudendo porque tem gente como eu que compra droga (M3).

Eu sei do lugar privilegiado que eu acesso para conseguir uma planta melhor, até a minha questão social financeira, consigo pagar um pouco mais para ter algo melhor e não tenho que ir nos lugares de maior risco, essas pessoas entregam em casa. [...] Mas meu namorado, por exemplo, é de um contexto de comunidade, ele mora numa comunidade e trabalha em outra, então ele acessa muitas vezes por essas vias e eu acho extremamente perigoso. Inclusive teve uma situação que a gente estava sem, a gente queria fumar, e fomos fazer um corre lá. Acho que a espiritualidade guia a gente mesmo, se a gente tivesse chegado cinco minutos antes ele tinha sido pego pela polícia, dentro da ‘boca’. E ele é negro e estava com roupa normal, simples, eu acho que ele ia ‘na leva’ junto com a galera. Eu vejo que essa questão social, o tráfico realmente ele aniquila pessoas, e a gente consome essa energia (M8).

Aspectos da degeneração da situação social refletem-se direta ou indiretamente sobre o estatuto do comércio de drogas na sociedade contemporânea: aumento da violência urbana, do número de encarcerados e das forças militares envolvidas com as drogas. A discriminação das substâncias obedece a injunções culturais e econômicas (CARNEIRO, 2002). Portanto, conforme

ocorreu no início da história proibicionista, a repressão e a discriminação tem como foco principal aqueles que podem ameaçar os privilégios por parte dos poderes hegemônicos, pois uma sociedade mais igualitária não sustenta as vantagens de alguns poucos grupos.

As mulheres se beneficiam da *cannabis* por diversos aspectos, mas se vêem em conflitos internos diante o *status* ilegal da planta:

Eu anseio que a lei aqui no Brasil um dia mude, mas acho que vai demorar muito. Nós estamos muito atrasados em muita coisa, em coisas básicas, trabalho infantil, violência contra a mulher... a maconha então vai demorar, mas eu fico triste, eu acho que é uma plantinha muito injustiçada, o uso medicinal dela está sendo pesquisado, comprovando os benefícios dela, para mim ela tem muito benefício, para mim os benefícios são muito maiores do que os malefícios. [...] Para mim a maconha não é droga, é um tempero, uma plantinha do bem. Me deixa triste a coisa do tráfico, de ser cúmplice... tem alguns crimes que eu abomino, mas como estou inserida nessa sociedade onde a maconha é proibida.... enfim (M3).

Durante as entrevistas percebi a postura crítica delas em relação às motivações para a proibição e como elas não estão dispostas a se sucumbirem às normativas políticas impostas, às quais não concordam. Continuar a usar a maconha, para elas, é um ato político e de posicionamento da mulher a favor do que acreditam. Os benefícios percebidos com a *cannabis*, de autoconhecimento, de ampliação de ideias e de conexão espiritual fortalecem estas mulheres para se posicionarem a favor da maconha e tentarem construir uma nova história dela e das mulheres em nossa sociedade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sou porra louca
Mas também sou dedicada
Em casa não falta nada
Trabalho pra estudar
Eu tenho alma de pipa avoadada
Minha vizinha fala, fala, e não consegue acompanhar
Um dia eu vou poder falar toda verdade
A máscara que vai cair diante da sociedade

Bang, bang
Não me perturba
Vou tacar fogo em mais um
Só pra não ficar maluca³¹

Parte da letra da música ‘Verdinha’ da cantora Ludmilla traz diversos elementos que foram apontados pelas mulheres da pesquisa. ‘Verdinha’ faz alusão clara à maconha. A letra apresenta a cantora como um misto da mulher que busca diversão e liberdade, mas que mantém em dia suas obrigações; que faz sua escolha de usar a maconha, sustentando o próprio uso - tanto financeiramente como ideologicamente.

Ludmilla é um exemplo de como a mulher está construindo um espaço de fala e de apropriação para o uso da *cannabis* dentro do universo dos usuários, antes dominado por homens. E esta construção não é feita sem confrontos e posicionamentos. Vê-se a repercussão negativa que se deu na mídia e redes sociais sobre o lançamento da música: várias pessoas se posicionaram contra justificando ser apologia ao consumo e venda de drogas. Até um deputado federal acionou a Polícia Federal e o Ministério Público em denúncia contra Ludmilla por suposta apologia à prática do consumo de drogas. Na leitura da artista e de alguns fãs, a polêmica tomou tal dimensão pelo fato da cantora ser mulher e ser negra.

O uso de drogas pela humanidade sempre esteve presente em rituais religiosos, para

³¹ Trecho da letra da música ‘Verdinha’, de 2019, da cantora Ludmilla.

se alienar do sofrimento ou na busca do prazer. Diferentes culturas e sociedades consumiram e consomem drogas com frequência e nem sempre o uso se caracteriza como problemático (CRIVES; DIMENSTEIN, 2003).

Popularmente, o consumo de drogas ilegais em si já é considerado um comportamento desviante. O fato da maconha ser ilegal traz o estigma de tal associação e rotula os usuários antes mesmo de escutar deles suas histórias para buscar entender qual o lugar aquela substância ocupa em sua vida. Despindo-se da visão moral da proibição, busquei compreender as motivações e subjetividades por trás do ‘baseado’ e, principalmente, enxergar as mulheres ali presentes, o que pensam, o que desejam, o que viveram e o que sonham.

É elementar a realização de estudos referentes à relação lazer e uso de drogas, considerando que os sujeitos estão usando cada vez mais no tempo identificado como lazer. A droga não é um problema em si, há de se compreender o elo sujeito droga em determinado tempo e espaço. “Não basta o olhar acusatório para o uso de drogas ou para determinados comportamentos dele advindos. Há de se considerar o contexto social no qual ele se dá, além de perceber o indivíduo historicamente situado” (ROMERA; MARCELLINO, 2010 p.80).

De acordo com os achados da pesquisa percebi que a maconha insere-se no universo feminino como parte constituinte da cultura e da identidade das mulheres. Como o estudo foi realizado com referência ao uso da maconha e sua relação com o lazer, importante destacar a representação de lazer para as participantes da pesquisa.

Vou partir do entendimento de que o lazer está associado à certa liberdade de escolha dos sujeitos e que, para analisá-lo, não se deve julgar moralmente a ação determinada (conforme destacado na introdução deste trabalho a partir dos autores Pimentel - 2012 - e Rojek - 2005); assim podemos estabelecer uma análise um pouco mais neutra de julgamentos em relação ao uso recreativo de drogas.

Grande parte das mulheres da pesquisa fizeram associação do lazer com o relaxamento e o descanso das atividades obrigatórias - do trabalho, das tarefas domésticas e dos cuidados com os filhos. Achados semelhantes foram encontrados na análise desenvolvida por Bonalume e Isayama (2018) na pesquisa *O Lazer do Brasileiro*. Tal percepção remete ao conceito de lazer construído por Dumazedier (1976) e que está muito presente no entendimento popular. O uso da maconha faz parte deste contexto a partir da compreensão de que ela facilita o desligamento e a descompressão mental, um dos sentidos atribuídos à maconha pelas mulheres da

pesquisa. A *cannabis* representa uma ferramenta que auxilia as mulheres a estarem em um estado psíquico que as possibilitam usufruir efetivamente do lazer, sem o atravessamento das cobranças sociais.

Em relação ao conceito de lazer também foi relatado pelas entrevistadas M3 e M4 uma reflexão além do tempo livre das obrigações; elas trouxeram como elemento constituinte do lazer as manifestações culturais. Este elemento, junto ao aspecto 'ludicidade' e 'espaço' remetem ao conceito de Gomes (2004) sobre lazer, em uma perspectiva mais atual dos estudiosos da área.

O lazer como fenômeno referente e produtor de cultura é um representante significativo da história da sociedade e da contemporaneidade. As ações desenvolvidas, o espaço ocupado, a representação subjetiva, a conquista de desfrute e as relações estabelecidas no lazer refletem as progressões históricas e a importância de tal fenômeno na (sobre)vivência humana.

O lazer da atualidade é expressão de uma nova ordem de sociedade, se relaciona às novas possibilidades de reunião social, ao intenso trânsito de produtos e dinheiro, às necessidades de estabelecimento de novos elementos de *status* e distinção; tudo isso manifesto em um determinado espaço (MELO, 2013). O espaço contemporâneo apresenta a velocidade da produção e exige das pessoas uma postura para assumir multitarefas, principalmente das mulheres, que ainda carregam, em sua maioria, a responsabilidade de cuidar e administrar o trabalho e a casa. O lazer responde a esta lógica e também é apresentado de uma forma mecanizada e mercantilizada em diversos momentos.

A reprodução coletiva do lazer não exclui a escolha e a autonomia individuais. O lazer também remete à busca de prazer, mesmo que não seja um sentimento exclusivo de tais momentos; um fenômeno que possui um maior grau de flexibilidade em relação ao que se deseja fazer e quando (MELO, 2003). Portanto, não é só uma forma de escapar da rotina ou de se deixar levar pela lógica do mercado, é também uma manifestação do gozo individual e pode representar uma tentativa de fugir da lógica mecanizada de se viver.

Um aspecto relevante ao se pensar sobre o lazer e que também identifiquei nas falas das participantes da pesquisa é o lazer como necessidade. Elas ressaltam o valor do lazer como essencial para suportarem a rotina de obrigações, liberarem tensões, alcançarem prazer e para a própria saúde mental. As necessidades humanas têm variadas formas de serem satisfeitas, concretizam-se na ludicidade, segundo os valores e interesses dos sujeitos, grupos e instituições em cada contexto histórico, social e cultural (GOMES, 2014).

Outro sentido atribuído ao uso da maconha além de relaxamento e descanso associados ao lazer, foi a relação com a sociabilidade, tanto nas relações de amizades como ligado às relações amorosas. Quando usada junto a amigos, a *cannabis* representa algo para se fazer em comum e que traz um clima descontraído, leve, de diversão. Fumar em grupo é um ritual tradicional perpetuado até os dias de hoje.

Nas relações amorosas a maconha também surge como algo em comum do casal, para fazerem juntos, além de apresentar-se como um elemento que proporciona aumento da libido nas mulheres, de acordo com o discurso delas. O sentir-se mais livre, mais conectada com as próprias sensações e com o corpo, mais desinibidas, potencializam o prazer e libera o inconsciente de amarras que, muitas vezes, inibem as mulheres a assumirem o próprio gozo.

Para compreender a relevância da liberação de amarras sociais é importante ressaltar como as diferenças socioculturais implicadas nas diferenças entre os gêneros masculino e feminino influenciam no comportamento e no cotidiano das mulheres. De acordo com Maciel e Medeiros (2017) refletir sobre a identidade feminina implica considerar essa dimensão simbólica e cultural que não trata somente das diferenças entre os gêneros, mas que trazem desigualdades entre eles. Não é algo explícito e nem sempre muito claro para as próprias mulheres.

As diferenças entre os gêneros, historicamente estabelecidas, refletem no comportamento das mulheres de hoje, negativamente. As relações não equitativas entre mulheres e homens foram sustentadas pela divisão sexual e desigual do trabalho doméstico, pela exclusão dessas dos espaços de poder e de decisão e pelo controle do corpo e da sexualidade das mulheres. Essas desigualdades reduziram a autonomia e a decisão delas sobre os seus próprios corpos e sobre as suas vidas. A identidade sexual feminina na história sempre apareceu como algo velado, alvo de repressão ou resguardada para a satisfação do marido. Como consequência, aquelas que expressassem a sua sexualidade em público eram passíveis de condenação moral e social, o que ainda apresenta reflexos hoje no comportamento das mulheres (MACIEL; MEDEIROS, 2017).

Diante de tal cenário, a maconha surge em muitos casos para trazer à mulher a sensação de liberdade que a ‘autoriza’ a se expressar, reconhecer e expor seus próprios desejos ao outro, além de encorajá-la a se abrir e se assumir como ser autônomo e sexual.

O uso da maconha como medicamento foi o terceiro sentido atribuído por algumas das entrevistadas. M3, M4 e M7 trouxeram relatos de como a *cannabis* é usada para além do prazer em si mesmo. O efeito sentido como ansiolítico, como antidepressivo e como analgésico

foram percebidos ao longo da história de vida delas como efeitos benéficos da planta. A partir desta identificação, elas começaram a usar a *cannabis* com estas finalidades, de maneira frequente, para não acessarem outros recursos que avaliam serem mais prejudiciais (como medicamentos alopáticos³², por exemplo).

Quando elas usam com esta finalidade me parece ser quando fazem o uso mais sistematizado da *cannabis*. As mulheres que fumam com este intuito o fazem de forma consciente e constante, diferente dos usos percebido em outras situações. Para relaxamento, socialização, autoconhecimento e expansão da criatividade, parece que os efeitos são desejosos, mas não buscados continuamente. Mesmo que os estudos sobre esses efeitos ainda se mostrem controversos, as entrevistadas relataram grandes benefícios com a planta, o que indica a importância de aprofundamento no entendimento dos mecanismos medicinais da maconha.

A quarta e última categoria de sentido está associada ao autoconhecimento, afirmação de identidade e criatividade que a *cannabis* proporciona. Segundo relatos das mulheres, a maconha acessa lugares íntimos que permitem uma ampliação da autopercepção de si sem o atravessamento da percepção dos outros. O acesso a sensações novas possibilitaria também a expansão da criatividade e a clareza de pensamentos.

Diante todos os benefícios percebidos, as entrevistadas criaram uma proximidade com a *cannabis* que as colocaram em defesa à legalização dela, tomando um espaço político em suas vidas, representado pela militância em relação ao tema.

Os achados da pesquisa tiveram proximidade com a análise de Venturi (2017) sobre ao que o autor identificou como motivações para o uso de drogas, principalmente quando ele identifica que os motivadores tem uma relação com a socialização e com o contexto social. O fato das mulheres da pesquisa relacionarem o uso à socialização e ao relaxamento das questões rotineiras diz desta associação com o contexto externo. Outra similaridade é a forma de identificar o uso de substâncias como relacionadas à escolha pessoal, referindo-se ao sujeito ativo e autônomo. Todas as mulheres da pesquisa partiram do princípio de fazerem o uso da planta por uma escolha pessoal, mesmo que fazem a correlação do uso com o contexto externo, social e cultural.

A maconha ao longo da pesquisa apresentou-se como significante da libertação feminina; da autorização do ‘ser mulher’ conforme elas acreditam que devam ser, sem o

³² Medicamentos alopáticos são substâncias da medicina ocidental tradicional produzidos em larga escala pelas indústrias farmacêuticas, em doses pré-determinadas.

juízo sociocultural, estigmatizado e preconceituoso que está colocado atualmente. Anteriormente na história, as mulheres buscavam se igualarem aos homens, terem as mesmas oportunidades e espaços de trabalho, o mesmo reconhecimento de suas capacidades laborais, os mesmos direitos sociais. Neste caminho, fomos assumindo posturas masculinizadas e mecanizadas, com o entendimento de que, agindo como eles e encobrimo nossas peculiaridades, seríamos mais vistas e respeitadas nos espaços de conquistas. Com o passar do tempo, reelaboramos a postura da mulher; estamos em um momento na história de buscar a reconexão com nossas raízes femininas, de compreender que as peculiaridades de visão de mundo, de afeto, de acolhimento, de sensibilidade contribuem de maneira única para a construção sociocultural da humanidade. Esta nova percepção nos coloca em posição de reafirmação de quem somos, em busca e construção de uma nova identidade:

A nova identidade da mulher agora se confronta com um mundo instável, em crise de valores, fragmentado, sem direção clara sobre o que ser, o que fazer, o que sentir e pensar, de como viver uma vida significativa e plenamente realizada. Esse novo contexto criado pela pós-modernidade coloca o sujeito diante de uma multiplicidade nunca vista de escolhas e de oportunidades, traz também à cena a possibilidade de análise, do autoconhecimento da mulher, do seu corpo, da sua vida e do que fazer dela. Traz também indicações de como se relacionar com o outro e uma nova concepção de destino como algo aberto, a ser preenchido pela interação de desejos e de liberdades da vida de cada um (VIEIRA, 2005, p.237).

A identidade é histórica, não natural. Ela é construída e criada ao longo do tempo. O nome ‘mulher’ tem uma origem complexa e passa por ressignificações a partir de grandes esforços interpretativos e reflexivos, com marcações políticas (TIBURI, 2018). A partir da compreensão dessa construção identitária devemos valorizar a busca por ressignificações do que é a mulher para si, qual o lugar deste corpo no espaço social e o que ela representa de transformação política para o cenário atual.

Portanto, pode-se inferir que a maconha é um instrumento, uma ferramenta, um facilitador, um meio para estas mulheres alcançarem estados, momentos de bem-estar e/ou de conexão com sensações desejadas, consigo mesmas e/ou com outras pessoas. A planta tem um lugar de afetividade e de acolhimento do feminino que pouco elas encontram em outros lugares.

REFERÊNCIAS

ALVES, T. M.; ROSA, L. C. S. Usos de substâncias psicoativas por mulheres: a importância de uma perspectiva de gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 24, n.2, p. 443-462, maio/ago. 2016.

BARBOSA, C.; LIECHTY, T.; PEDERCINI, R. Restrições ao Lazer Feminino: particularidades das experiências de lazer de mulheres homossexuais. **Licere**, Belo Horizonte, v.16, n.2, p. 1-22, jun. 2013.

BASAGLIA, F. **Escritos selecionados** - em saúde mental e reforma psiquiátrica. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2002. 331 p.

LEVANTAMENTO NACIONAL SOBRE O USO DE DROGAS PELA POPULAÇÃO BRASILEIRA, 3., 2017, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Ministério da Saúde / ICICT Fiocruz, 2017. 528p. Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/34614>>. Acesso em: 15 jan. 2020.

BOLZAN, L. M.; BELLINI, I. B. Gênero e uso de drogas: fatores preponderantes ao universo feminino. In: **CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL: DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS**, 1., jun. 2015, Londrina. **Anais...** Londrina: [s.n.]. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/mestradoservicosocial/congresso/anais/Trabalhos/eixo5/oral/22_genero_e_uso....pdf>. Acesso em: 03 mar. 2020.

BONALUME, C. R; ISAYAMA, H. F. As mulheres na pesquisa *O lazer do brasileiro*. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 3-24, jan./abr. 2018.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Guia estratégico para o cuidado de pessoas com necessidades relacionadas ao consumo de álcool e outras drogas**: Guia AD. Brasília: Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. 2015. Disponível em: <<http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2015/dezembro/15/Guia-Estrat--gico-para-o-Cuidado-de-Pessoas-com-Necessidades-Relacionadas-ao-Consumo-de---lcool-e-Outras-Drogas--Guia-AD-.pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

CARLOMAGNO, M. C.; ROCHA, L. C. Como criar e classificar categorias para fazer análise de conteúdo: uma questão metodológica. **Revista Eletrônica de Ciência Política**, v. 7, n. 1, p. 173-188, 2016. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/politica/article/view/45771/28756>>. Acesso em: 17 jan. 2020.

CARNEIRO, H. As necessidades humanas e o proibicionismo das drogas no século XX. **Revista Outubro**, São Paulo, 6ª edição, p.115-128, fevereiro, 2002. Disponível em: <<http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2015/02/Revista-Outubro-Edic%CC%A7a%CC%83o-6-Artigo-10.pdf>>. Acesso em: 08 fev. 2019.

CRIVES, M.N.S.; DIMENSTEIN, M. Sentidos produzidos acerca do consumo de substâncias psicoativas por usuários de um programa público. **Revista Saúde e sociedade**, São Paulo, v.12, n.2., p.26-37, jul./dez. 2003.

DUMAZEDIER, J. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1976. 249 p.

ELIAS, N., DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1985. 431 p.

EMSLIE, C.; HUNT, K; LYONS, A. Transformation and time-out: The role of alcohol in identity construction among Scottish women in early midlife. **International Journal of Drug Policy**, Glasgow Caledonian University, Scotland, v. 26, p. 437–445, 2015.

ETTORRE, E. Revisioning women and drug use: gender sensitivity, embodiment and reducing harm. **International Journal of Drug Policy**, University of Plymouth, UK, v. 15, p.327–335, 2004.

FORTUNA, N.S.; TIYO, R.; FREITAS, G. *Cannabis sativa*: uma alternativa terapêutica para saúde. **Revista UNINGÁ**, vol.29, n.3, p.144-148. Jan./Mar. 2017.

FRANÇA, J.M.C. **História da maconha no Brasil**. São Paulo: Três Estrelas, 2015. 151 p.

GAETE, V. Desarrollo psicosocial del adolescente. **Rev. chil. pediatr.**, Santiago, v. 86, n. 6, p. 436-443, dic. 2015. Disponível em: <https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0370-41062015000600010&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 29 dez. 2019.

GARCIA, F. *et al.* Relatório Pesquisa Conhecer e Cuidar 2015. Belo Horizonte: Imprensa Universitária da UFMG. CRR - Centro Regional de Referência em Drogas da UFMG, 2015. Disponível em: <<https://crr.medicina.ufmg.br/project/assets/ckfinder/files/Pesquisa%20Conhecer%20e%20Cuidar%202015%20-%20Divulgac%CC%A7a%CC%83o.pdf>>. Acesso em: 28 março 2019.

GOELLNER, S. *et al.* Lazer e Gênero nos Programas de Esporte e Lazer das Cidades. **Licere**, Belo Horizonte, v.13, n.2, p. 1-20, jun. 2010.

GOMES, C. L. Verbete Lazer – Concepções. *In*: GOMES, C. L. (Org.) **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p.119-126, 2004.

GOMES, C. L. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 1, n.1, p.3-20, jan./abr. 2014.

GONÇALVES, G.A.M., SCHLICHTING, C.L.R. Efeitos benéficos e maléficos da *Cannabis Sativa*. **Revista UNINGÁ Review**, V.20 ,n.2, p.92-97, Out./Dez. 2014.

KLOSINSKI, G. **A adolescência hoje**: situações, conflitos e desafios. Petrópolis, RJ: Vozes. 2006. 200 p.

LIMA, C.M.G. *et al.* Pesquisa etnográfica: iniciando sua compreensão. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v.4, n.1, p.21-30, jan. 1996.

LYNN, B. K. *et al.* The Relationship between Marijuana Use Prior to Sex and Sexual Function in Women. **Sexual Medicine**, vol. 7, Issue 2, p. 192–197. June, 2019. Disponível em <<https://doi.org/10.1016/j.esxm.2019.01.003>>. Acesso em: 29 dez.2019.

MACIEL, S.C., MEDEIROS, K.T. Mulheres usuárias de crack: enfrentamentos e barreiras sociais. *In*: ROSO, A. (org.) **Crítica e Dialogicidade em Psicologia Social**: saúde, minorias sociais e comunicação. eBook, Editora UFSM, 2017.

MACRAE, E.; ALVES, W.C. (Org.) **Fumo de Angola**: canabis, racismo, resistência cultural e espiritualidade. Coleção Drogas: Clínica e Cultura. EDUFBA, 1ª Edição. Salvador, 2016. 565 p.

MARANGONI, S.R.; OLIVEIRA, M.L.F. Fatores desencadeantes do uso de drogas de abuso em mulheres. **Texto contexto – enferm.**, Florianópolis , v. 22, n. 3, p. 662-670, Set. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072013000300012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 13 fev. 2020.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e Educação**. 2ªedição. Campinas: Papyrus, 1990. 164p.

MARCELLINO, N. C. **Estudos do lazer:** uma introdução. 2ª edição ampliada. Campinas: Autores Associados, 2000. 112p.

MARCHESE, D.; VILELA JUNIOR, G. B.; MACHADO, A. A. O lazer como possível espaço/tempo para o consumo de drogas. **Licere**, Belo Horizonte, v.14, n.4, p.1-22, dez. 2011.

MARTINELLI, S. A. A importância de atividades de lazer na Terapia Ocupacional. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, São Carlos, v. 19, n.1, p. 111-118, Jan./Abril 2011.

MARTINS, H.H.T.S. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, FFLCH / USP, v.30, n.2, p. 289-300, maio/agosto 2004. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n2/v30n2a07.pdf>>. Acesso em 20 jan. 2019.

MELO, V. A.; ALVES JUNIOR, E. D. **Introdução ao Lazer**. São Paulo: Manole, 2003. 116p.

MELO, V. A. Sobre o conceito de lazer. **Sinais Sociais**. Rio de Janeiro, vol. 8, n. 23, p. 16-35, set./dez. 2013. Disponível em <http://www.sesc.com.br/wps/wcm/connect/88286e76-10c5-459b-8e1e-b1cdfd52f345/Revista+-+Sinais+Sociais_23_web.pdf?MOD=AJPERES&CACHEID=88286e76-10c5-459b-8e1e-b1cdfd52f345>. Acesso em 04 out. 2018.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 28ª ed. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2009. 96p.

MINAYO, M. C. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.17, n.3, p. 621-626, 2012.

NEVES, T. I.; PORCARO, L. A.; CURVO, D. R. Saúde é colocar-se em risco: normatividade vital em Georges Canguilhem. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v.26, n.3, p.626-637, 2017.

PALAMAR, J. *et al.* A Qualitative Investigation Comparing Psychosocial and Physical Sexual Experiences Related to Alcohol and Marijuana Use among Adults. **Archives of Sexual Behavior**, v. 47, n.3, p.757–770, Apr., 2018. Disponível em <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5250581/>>. Acesso em 29 dez. 2019.

PATRICK, M.E. et al. Age-related changes in reasons for using alcohol and marijuana from ages 18 to 30 in a National Sample. **Psychology of Addictive Behaviors**, vol. 25, n.2, p. 330-339, jun.

2011.

PIMENTEL, G. G.A. O passivo do lazer ativo. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 03, p. 299-316, jul./set. 2012.

POPE, C.; MAYS, N. **Pesquisa qualitativa na atenção à saúde**. 3ª edição. São Paulo: Artmed editora, 2009. 172p.

ROBINSON, R. **O grande livro da Cannabis**: Guia completo de seu uso industrial, medicinal e ambiental. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1999. 135p.

ROJEK, C. **Leisure theory**: principles and practice. 1ª edição. Nova York: Palgrave Macmillan, 2005. 252p.

ROMERA L.A.; MARCELLINO N.C. Lazer e Uso de Drogas: a partir do olhar sociológico. **Impulso**, Piracicaba, v. 20, n.49, p.75-84, jan./jun., 2010. Disponível em <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/impulso/article/viewFile/871/472>>. Acesso em: 06 maio 2019.

ROSA, P. O. Outra história do consumo de drogas na modernidade. **Cadernos de Terapia Ocupacional UFSCar**, São Carlos, v. 22, n. Suplemento Especial, p. 185-196, 2014. Disponível em <<http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1046/529>>. Acesso em: 09 out. 2018.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v.20, n.2, jul/dez de 1995. Disponível em <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

SILVA, A.S. *et al.* A maconha nas perspectivas contemporâneas: benefícios e malefícios. **Revista da Faculdade de Educação e Meio Ambiente** – FAEMA, Ariquemes, v. 9, n. 2, p. 786-795, jul.-dez. 2018. Disponível em: <<http://www.faema.edu.br/revistas/index.php/Revista-FAEMA/article/view/670>>. Acesso em: 03 jan. 2020.

SIMÕES, J. A. Prefácio. In: LABATE, B. C. *et al.* (orgs.). **Drogas e cultura**: novas perspectivas. 1ª ed. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 13-22.

SIMÕES-BARBOSA, R. H.; DANTAS-BERGER, S. M. Abuso de drogas e transtornos alimentares entre mulheres: sintomas de um mal-estar de gênero? **Cadernos de Saúde Pública** –

CSP, Rio de Janeiro, v.33, n.1, p.1-11, 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2017000103001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 29 nov. 2019.

SOUSA, L. M. P. **Projeto Borboletas: Metamorfose terapêutica das mulheres alcoolistas atendidas no CAPSad de Ouro Preto**. Orientadora: Alda Martins Gonçalves. 2010. 40p. (Especialização em Saúde da Família) – Escola de Enfermagem, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, 2010.

SPACH, R.C.; VIECILI, J. Sentidos do uso da maconha na percepção dos usuários jovens universitários. **Psicologia Pedra-Branca**, RIUNI - Repositório Institucional UNISUL. Santa Catarina, 2017. Disponível em <<https://riuni.unisul.br/handle/12345/4305>>. Acesso em: 05 jan. 2020.

TIBURI, M. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos**. Rio de Janeiro, Rosa dos tempos, 2018. 126p.

TRUJILLO, H.; MARTÍNEZ-GONZÁLEZ, J.; VARGAS, C. Relaciones asociativas entre las creencias acerca del uso social de las drogas y el consumo en estudiantes jóvenes. **Universitas Psychologica**, Bogotá, Colombia. V. 12, n. 3. p. 875-885, julio-septiembre, 2013. Disponível em <<file:///C:/Users/PC/Downloads/1971-Texto%20del%20art%C3%Adculo-27762-2-10-20140217.pdf>>. Acesso em: 23 dez. 2019.

TEJERA, D. B. O.; SOUSA, I. R. C.; SAMPAIO, T. M. V. As relações de gênero na opção de lazer de pessoas atuantes em cooperativas de trabalho. **Licere**, Belo Horizonte, v.16, n.4, p.1-17, dez. 2013.

UNODC - United Nations Office on Drugs and Crime. *World Drug Report*. Nova York: United Nations; 2015. Disponível em <http://www.unodc.org/documents/wdr2015/World_Drug_Report_2015.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2019.

VENTURINI, V. Consumo de drogas, opinião pública e moralidade. **Tempo Social** - revista de sociologia da USP, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 159-185, agosto 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v29n2/1809-4554-ts-29-02-0008.pdf>>. Acesso em: 05 dez. 2019.

VIEIRA, J.A. A identidade da mulher na modernidade. **DELTA**, São Paulo, v. 21, n. spe, p. 207-238, 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502005000300012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 jan.

2020.

VINUTO, J. A amostragem em Bola de Neve na pesquisa qualitativa: um debate aberto.

Temáticas, Campinas, v. 22, n.44, p. 203-220, ago/dez. 2014. Disponível em:

<https://www.academia.edu/16320788/A_Amostragem_em_Bola_de_Neve_na_pesquisa_qualitativa_um_debate_em_aberto>. Acesso em: 01 set. 2019.

ANEXOS

ANEXO 1 - Texto do parecer consubstanciado do CEP UFMG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Uso de álcool e de maconha por mulheres em situações de lazer³³

Pesquisador: Cristiane Miryam Drumond de Brito

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 17387719.6.0000.5149

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.742.884

Apresentação do Projeto:

Segundo a pesquisadora, a pesquisa se resume da seguinte maneira: “a pesquisa desenvolvida será um estudo social, qualitativo. A pesquisa social busca compreender o fenômeno a partir do próprio sujeito, neste caso, das mulheres que usam álcool e maconha nos momentos de lazer. Neste tipo de pesquisa a linguagem dos sujeitos é o principal aspecto a ser considerado, pois somente o autor da sentença pode dar a dimensão exata, o conteúdo e as razões de suas colocações, já que são as experiências que definem o conteúdo significativo de seu discurso. A pesquisa qualitativa proporciona uma melhor compreensão dos fenômenos e processos sociais envolvidos na temática, possibilitando analisar os significados que as pessoas atribuem às suas experiências do mundo social. As metodologias qualitativas privilegiam a análise de microprocessos, por meio do estudo das ações sociais individuais e grupais; representam a tentativa de ver o indivíduo não como objeto, mas como sujeito do conhecimento e da história. O perfil de mulheres a serem entrevistadas será da faixa etária de 30 a 55 anos que utilizam álcool e maconha de forma recreativa em momentos que consideram lazer. As mulheres deverão sustentar financeiramente o próprio uso das drogas supracitadas. Serão consideradas usuárias recreativas aquelas que se autodeclararem como tal. As mulheres poderão ser usuárias de outras drogas, mas a pesquisa irá centrar sua análise no uso de álcool e maconha; no entanto, quando houver uso de outras drogas, poderá ser analisada a inter-relação com o álcool e a maconha. As entrevistadas deverão fazer uso de ambas as substâncias, mesmo que as utilizarem em diferentes momentos e circunstâncias. A amostra do estudo será realizada por meio do método 'Bola de Neve'. O tipo de amostragem nomeado como bola de neve utiliza cadeias de referência e é útil para estudar

³³ O parecer está com este título porque a pesquisa foi encaminhada ao CEP previamente com esta proposta. Após revisão do projeto, o mesmo passou por algumas alterações, que serão enviadas em relatório final ao CEP. As alterações não foram enviadas em adendo anteriormente por não haver nenhuma consequência ética após alteração do projeto.

determinados grupos difíceis de serem acessados. Diante do estigma e preconceito referente às usuárias de drogas, especialmente às usuárias de substâncias ilícitas, tal método mostra-se indicado para ter acesso ao público de interesse. O método ‘Bola de neve’ se inicia a partir de ‘sementes’ - as primeiras referências de contato para acessar o público de interesse – que ajudam a tatear o grupo a ser pesquisado. Posteriormente é solicitado às pessoas indicadas pelas sementes que indiquem novos contatos com as características desejadas, a partir de sua própria rede pessoal, e assim sucessivamente. As primeiras mulheres a serem entrevistadas (sementes) serão definidas a partir da indicação da própria rede de contatos da pesquisadora, ou seja, colegas de trabalho, do programa de pós-graduação em Estudos do Lazer da UFMG, bares que frequenta, entre outros. As mulheres selecionadas para as entrevistas não terão relação anterior com a pesquisadora, quer dizer, mesmo que as sementes sejam do ciclo de contato da pesquisadora, a mulher indicada não poderá conhecê-la previamente. Essa conduta se faz necessária para manter uma neutralidade das análises dos resultados e preservar as identidades das participantes. O instrumento para a coleta de dados será a entrevista semi-estruturada, gravada por áudio e posteriormente transcrita. A análise dos dados irá considerar a singularidade/subjetividade das mulheres no âmbito da história coletiva e contextualizada pela cultura do grupo. A partir dos relatos das experiências de lazer e uso de álcool e maconha por mulheres, buscaremos estabelecer categorias de sentido subjetivo; este tipo de categoria não se restringe a estabelecer relação imediata sentido-palavra, mas enfatiza a relação do simbólico com o emocional. A categoria de sentido subjetivo permite compreender a subjetividade como um nível de produção psíquica, inseparável dos contextos sociais e culturais em que acontece a ação humana. O sentido subjetivo das mulheres será associado a cada história e seus contextos, revelando processos subjetivos individuais e coletivos.” A pesquisa estima um total de 10 entrevistas.

Objetivo da Pesquisa:

Segundo a pesquisadora, o objetivo principal da pesquisa é: “compreender o significado do uso recreativo do álcool e da maconha por mulheres em momentos de lazer.” Os objetivos secundários da pesquisa são: “realizar um levantamento descritivo sobre o que as mulheres consideram lazer; descrever e analisar em quais atividades de lazer as mulheres utilizam maconha e/ou álcool; e verificar a relação entre o feminino, suas representações e o uso de álcool e de maconha.”

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

No resumo do projeto, os riscos da pesquisa são apresentados da seguinte forma: “constrangimento em relação a exposição sobre questões pessoais e elucidação de memórias que possa trazer alguma emoção.” Os mesmos riscos são colocados no TCLE. Adicionalmente, no TCLE há garantias de sigilo da identidade da participante, preocupação apontada pela pesquisadora no desenho da amostra. Os benefícios da pesquisa são descritos da seguinte forma pela pesquisadora: “entender o uso de álcool e de maconha no lazer feminino e se os mesmos têm relação com os papéis desempenhados pelas mulheres na sociedade. Como consequência poderá apontar caminhos para formulação de políticas públicas em relação ao uso de drogas em mulheres, principalmente associados à prevenção para que o uso não se torne abusivo.”

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante para as áreas de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional com previsão de término em 04/04/2020. As solicitações do COEP foram atendidas: 1) Foi incluído texto “para dúvidas relacionadas a questões éticas” onde inclui as informações de contato do CEP; 2) Foram descritas as estratégias para manutenção do sigilo e coleta de dados; 3) Foi explicitado o local em que será realizada a gravação dos dados para manter o sigilo dos entrevistados dado que se trata de um tema sensível.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados os seguintes termos: folha de rosto, projeto completo, resumo do projeto, TCLE para as participantes, cronograma e parecer consubstanciado. O roteiro das entrevistas não foi incluído como documento adicional, mas está presente como anexo no projeto completo.

Recomendações:

Pelo uso de maconha não ser prática lícita, recomenda-se não obter assinatura do TCLE, para cumprimento da resolução CNS 510/2016, em seu artigo 3o (não ampliar situação de risco ou vulnerabilidade).

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Somos favoráveis à aprovação do projeto “Uso de álcool e de maconha por mulheres em situações de lazer” da pesquisadora responsável Profa. Dra. Cristiane Miryam Drumond de Brito.

Considerações Finais a critério do CEP:

Aprovado conforme parecer.

Tendo em vista a legislação vigente (Resolução CNS 466/12), o COEP-UFMG recomenda aos Pesquisadores: comunicar toda e qualquer alteração do projeto e do termo de consentimento via emenda na Plataforma Brasil, informar imediatamente qualquer evento adverso ocorrido durante o desenvolvimento da pesquisa (via documental encaminhada em papel), apresentar na forma de notificação relatórios parciais do andamento do mesmo a cada 06 (seis) meses e ao término da pesquisa encaminhar a este Comitê um sumário dos resultados do projeto (relatório final).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BELO HORIZONTE, 03 de Dezembro de 2019

Assinado por: Eliane Cristina de Freitas Rocha
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Presidente Antônio Carlos,6627 2º Ad Sl 2005
Bairro: Unidade Administrativa II CEP: 31.270-901
UF: MG Município: BELO HORIZONTE
Telefone: (31)3409-4592 E-mail: coep@prpq.ufmg.br

APÊNDICES

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada para participar da pesquisa: “Uso de maconha por mulheres em situações de lazer”. Tal pesquisa está sendo desenvolvida pela Universidade Federal de Minas Gerais.

O objetivo desta pesquisa é analisar a relação entre o uso recreativo de maconha e o lazer em mulheres, buscando aprofundar o conhecimento de um fenômeno social representativo de um espaço-tempo político. A relação entre o lazer e o uso de drogas faz parte da construção da história da humanidade desde os seus primórdios. No entanto, esta relação não tem o mesmo significado nas diferentes épocas e para diferentes gêneros. A diferenciação dos sujeitos por gênero envolve um sistema de relações que não necessariamente está relacionada ao sexo, mas tem um caráter fundamentalmente social, implica uma divisão hierárquica, pressupõe desigualdade, pois o conceito de um gênero é definido em referência a outro; conforme ocorreu historicamente em relação à determinação do que seria o feminino com o parâmetro do masculino. Os objetivos da pesquisa serão realizar um levantamento da representatividade e do significado de lazer para as mulheres usuárias recreativas de maconha; averiguar em que contexto de lazer as mulheres usam maconha; verificar a relação entre o feminino, suas representações e o uso de maconha. A sua participação será nos conceder uma entrevista no local e hora em que você determinar com duração máxima de 50 minutos. Será apenas um encontro. A entrevista será gravada por áudio e posteriormente transcrita. As informações serão utilizadas exclusivamente para construção de conhecimentos científicos e acadêmicos e poderão ser publicados em revistas científicas, garantindo o seu anonimato. Os áudios e as transcrições serão armazenados por 5 anos na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG, sob responsabilidade da pesquisadora Profa. Cristiane Miryam Drumond de Brito; após esse período serão destruídos. Os áudios e as transcrições serão gravados em um pendrive e não conterão os nomes das entrevistadas; os arquivos serão numerados para organização e armazenamento sigiloso dos dados. Para dúvidas relacionados a questões éticas você poderá contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais³⁴ ou os pesquisadores envolvidos – os contatos encontram-se ao final desse documento. A participação no estudo é voluntária e você tem liberdade de recusar a participar em qualquer fase da pesquisa, sem prejuízo algum para a mesma. Não há previsão de despesa decorrente de sua participação. Os riscos decorrentes da participação na pesquisa incluem a possibilidade de sentir algum constrangimento em relação a exposição sobre questões pessoais e elucidação de memórias que possa trazer alguma emoção. Os pesquisadores são pessoas com formação terapêutica e poderão ser contatados por você a quaisquer momentos durante a entrevista e após ela, caso sinta necessidade. Os mesmos têm experiência para lhe dar suporte, portanto, sinta-se à vontade para conversar com o pesquisador ou até mesmo para se recusar a comentar assuntos que lhe causem constrangimentos. Os benefícios dessa investigação são entender o uso de maconha no lazer feminino e se o mesmo tem relação com os papéis desempenhados pelas mulheres na sociedade. Como consequência

34 Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais - Av. Antônio Carlos, 6627 - Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005 - Campus Pampulha - Belo Horizonte, MG – Brasil. Fone: (31) 3409.4592. Email: coep@prpq.ufmg.br

poderá apontar caminhos para formulação de políticas públicas em relação ao uso de drogas em mulheres, principalmente associados à prevenção para que o uso não se torne abusivo e/ou prejudicial.

Você receberá uma via deste termo onde constam o telefone e o endereço das pesquisadoras responsáveis pelo estudo, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFMG. Autorizo a gravação em áudio.

Local e data: _____

Nome do participante _____

Assinatura do participante _____

Pesquisadoras responsáveis:

-Cristiane Miryam Drumond de Brito. Telefone (31) 991374448. email: cdrumonddebrito@gmail.com. Departamento de Terapia Ocupacional da UFMG: (31) 34094790.

-Letícia Mara Pereira de Sousa. Telefone: (31) 99962.5537. Email: leticiampsousa@gmail.com

Assinaturas das pesquisadoras responsáveis: _____

APÊNDICE B – Instrumento de coleta de dados

Data ___/___/_____

Roteiro da entrevista semiestruturada

Roteiro da entrevista semiestruturada

1. Você pode me contar um pouco da sua história com a maconha? (explorar como teve o primeiro contato, quais as circunstâncias, com quem experimentou, com quem usa atualmente, quais as motivações para o uso, o sentido e o significado que a maconha tem na vida)
2. Quais os momentos da sua vida, atualmente, que você faz uso de maconha?
3. Você considera que o uso da maconha, para você pessoalmente, tem uma relação com o lazer? Por quê?
4. Você percebe/sente alguma diferença social do uso de maconha por mulheres em relação ao uso por homens? (explorar aqui a percepção da entrevistada sobre preconceitos, cerceamentos, dificuldades para a compra e uso da maconha, necessidade de se esconder mais que os homens, críticas sociais direcionadas)
5. Para você, o que é lazer? Quais são as suas principais atividades de lazer, atualmente?
6. Qual o significado e a importância do lazer em sua vida?
7. Você usa outras drogas, legais ou ilegais, de forma recreativa? Se sim, quais? (explorar)